



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ARQUIVOLOGIA
CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

ANA CAROLINA SOARES SANTOS

**OS IMPACTOS DA LITERACIA DIGITAL PARA A ARQUIVOLOGIA
CONTEMPORÂNEA: A REALIDADE DO CORPO FUNCIONAL DOS ARQUIVOS
DA CAGEPA, PBPREV E SEAD**

**JOÃO PESSOA
2023**

ANA CAROLINA SOARES SANTOS

**OS IMPACTOS DA LITERACIA DIGITAL PARA A ARQUIVOLOGIA
CONTEMPORÂNEA: A REALIDADE DO CORPO FUNCIONAL DOS ARQUIVOS
DA CAGEPA, PBPREV E SEAD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Arquivologia.

Área de concentração: Arquivologia e Sociedade.

Orientadora: Dra. Eliete Correia dos Santos.

**JOÃO PESSOA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237i Santos, Ana Carolina Soares.

Os impactos da literacia digital para a Arquivologia contemporânea [manuscrito] : a realidade do corpo funcional dos arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD / Ana Carolina Soares Santos. - 2023.

82 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos, Coordenação do Curso de Arquivologia - CCBSA. "

1. Tecnologias da Informação. 2. Literacia digital. 3. Arquivologia contemporânea. 4. Competências digitais e informacionais. I. Título

21. ed. CDD 020

ANA CAROLINA SOARES SANTOS

OS IMPACTOS DA LITERACIA DIGITAL PARA A ARQUIVOLOGIA
CONTEMPORÂNEA: A REALIDADE DO CORPO FUNCIONAL DOS ARQUIVOS DA
CAGEPA, PBPREV E SEAD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Graduação em Arquivologia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Arquivologia.

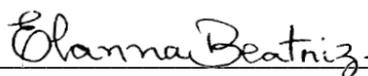
Área de concentração: Arquivologia e
Sociedade

Aprovada em: 15 / 06 / 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Eliete Correia dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Elanna Beatriz Américo Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Francinete Fernandes de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a Deus, autor do meu destino, que me guiou desde a escolha do curso até a conclusão dele e me orientou nessa jornada com Sua infinita sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu Deus por ter chegado até aqui e pelas competências que Ele desenvolveu em mim ao longo desse percurso. Por tudo que tenho, o que sou e o que serei devo a Ele.

Aos meus pais, que são meus avós também, ambos agricultores e com pouco estudo, mas que sempre acreditaram no meu potencial e investiram na minha educação, como prioridade.

Ao meu amigo e companheiro, meu cônjuge, por cada aula assistida durante a pandemia e apoio durante todo esse tempo.

A minha querida professora Dra. Eliete Correia dos Santos, por sempre extrair o melhor de mim e acreditar no meu potencial. Agradeço por ter dedicado parte do seu tempo para investir em mim durante essa pesquisa, como também pelo desenvolvimento que tive através da monitoria, inspirando-me confiança e convicção para concretização de um sonho adormecido. Ela é um presente de Deus na minha vida.

Aos professores do Curso de Arquivologia da UEPB por todas as suas contribuições, em especial, ao professor Dr. Antônio Germano Ramalho pela dedicação e ensino ao longo de outra pesquisa muito especial para minha formação, bem como a querida professora Dra. Manuela Eugênio Maia por supervisionar meus estágios durante o curso.

Aos funcionários da UEPB, em especial Daniela, pela presteza e atendimento sempre que necessário.

Expresso também minha gratidão aos engenheiros e amigos da Gerência de Planejamentos e Projetos da CAGEPA, onde realizei meu primeiro estágio e pude aprender bastante. Às amigas que a PBPREV me permitiu conquistar e todas as experiências adquiridas.

Ao Arquivo Corrente e Intermediário da SEAD, em especial a estimada Walterleide Andrade de Souza, pela qual tenho grande admiração, agradeço-lhe por ter me preparado para ser arquivista e por “lutar pela causa”, como ela sempre destaca. Gratidão por toda troca de conhecimento e todos os momentos que vivenciamos juntas.

E aos colegas de classe e amigos pela amizade e apoio.

“Outro não é o papel do arquivista na sociedade contemporânea senão o de colaborar estritamente para que os fluxos informacionais na sua área de ação arquivística se possam dar de forma plena e mais satisfatória possível, dentro desta sociedade, toda ela beneficiária de seus arquivos e de seus arquivistas.” (BELLOTTO, 2004, p. 304)

RESUMO

As Tecnologias da Informação (TI) ocupam mais espaço, em diversas áreas, na sociedade. Mesmo que elas estejam presentes há mais de 20 anos, a carência da Literacia Digital ainda é contemplada em algumas pessoas. Observa-se que os Arquivos são influenciados, diretamente, pelo impacto das TI, o que resulta na necessidade de terem colaboradores capacitados para se adaptarem às novas maneiras de trabalho. Esta pesquisa tem como objetivo geral apresentar os impactos da limitação (ou não) de Literacia Digital dos servidores nos Arquivos para enfrentar os desafios da Arquivologia Contemporânea. E para isso, pretende-se mostrar a importância da Literacia Digital nos Arquivos na contemporaneidade; analisar a realidade dos Arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD acerca da ausência ou não de adquirir/desenvolver a Literacia Digital e; identificar o grau de Literacia Digital dos profissionais dos Arquivos pesquisados. Trata-se de uma pesquisa participante nos arquivos, exploratória e descritiva. A coleta será realizada pela observação *in loco* e por uma entrevista semiestruturada, a qual possibilitará a compreensão da realidade dos colaboradores dos Arquivos. Quanto aos resultados, espera-se que o projeto instigue: 1. os órgãos a investirem na Literacia Digital para que os serviços arquivísticos sejam aprimorados e; 2. a comunidade científica a fim de investigar e desenvolver estudos voltados à Literacia Digital, em específico, na área da Arquivologia.

Palavras-Chave: Tecnologias da Informação. Literacia Digital. Arquivologia Contemporânea. Competências Digitais e Informacionais.

ABSTRACT

Information Technologies (TI) occupy more space, in several areas, in society. Even though they have been present for over 20 years, the lack of Digital Literacy is still contemplated in some people. It is observed that Archives are directly influenced by the impact of TI, which results in the need to have employees trained to adapt to new ways of working. This research has as general objective to present the impacts of the limitation (or not) of Digital Literacy of the servers in the Archives to face the challenges of Contemporary Archival Science. And for that, it is intended to show the importance of Digital Literacy in Archives in contemporary times; analyze the reality of the Archives of CAGEPA, PBPREV and SEAD about the absence or not of acquiring/developing Digital Literacy and; to identify the degree of Digital Literacy of professionals from the Archives surveyed. This is a participatory research in the archives, exploratory and descriptive. The collection will be carried out through observation *in loco* and through a semistructured interview, which will allow the understanding of the reality of the collaborators of the Archives. As for the results, it is expected that the project encourages: 1. agencies to invest in Digital Literacy so that archival services are improved and; 2. the scientific community in order to investigate and develop studies related to Digital Literacy, specifically in the area of Archivology.

Keywords: Information Technologies. Digital Literacy. Contemporary Archivology. Digital and Information Skills.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Listagem das atividades que podem ser realizadas baseado nos dados da Inst. 1, 2 e 3.....	55
Figura 2 – Grau de Literacia Digital das Instituições 1, 2 e 3.....	68
Figura 3 – Os impactos da Literacia Digital nos arquivos pesquisados.....	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nível de formação dos participantes de todas as instituições pesquisadas.....	49
Gráfico 2 – O uso de computadores na Inst. 1.....	50
Gráfico 3 – Investimentos passados e futuros na Literacia Digital na Inst. 1, 2 e 3.....	52
Gráfico 4 – As dificuldades encontradas na impressão de documentos na Inst. 1.....	54
Gráfico 5 – Necessidade das atividades em um suposto sistema para o Arquivo da Inst. 3.....	60
Gráfico 6 – Utilização do PBDOC no Arquivo da Inst. 2.....	61
Gráfico 7 – Utilização do PBDOC no Arquivo da Inst. 1.....	62
Gráfico 8 – Utilização do SESUÍTE no Arquivo da Inst. 1.....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Visitas da pesquisa de campo.....	46
Tabela 2 – Amostra pesquisada.....	46
Tabela 3 – Meios de Atendimento considerados mais ágeis da Inst. 1, 2 e 3.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARQCINT	Arquivo Corrente e Intermediário
CAGEPA	Companhia de Abastecimento de Água e Esgotos da Paraíba
CI	Ciência da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GEGDOC	Gerência Executiva de Documentos
GEPP	Gerência Executiva de Planejamento e Projetos
LD	Literacia Digital
LI	Literacia da Informação
SANECAP	Saneamento da Capital
SANESA	Saneamento de Campina Grande
SEAD	Secretaria de Estado de Administração
TI	Tecnologias da Informação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A LITERACIA DIGITAL	19
2.1 A Literacia Digital nas perspectivas teóricas	19
2.2 Os tipos de Literacias Digitais conforme o Modelo de <i>Yoham Eshet-Alcali</i> e <i>Yair Amichai-Hamburger</i>	23
2.2.1 <i>Literacia Foto-visual</i>	24
2.2.2 <i>Literacia de Reprodução</i>	24
2.2.3 <i>Literacia Ramificada</i>	24
2.2.4 <i>Literacia da Informação</i>	25
2.2.5 <i>Literacia Socioemocional</i>	25
2.3 A Literacia Digital e o contexto social	26
3 A ARQUIVOLOGIA CONTEMPORÂNEA	28
3.1 Teorias e Princípios da Arquivologia	28
3.2 A Arquivologia Contemporânea e sua aproximação à Literacia Digital	34
4 METODOLOGIA	41
4.1 Caracterização da pesquisa	41
4.2 Universo da pesquisa	43
4.2.1 <i>Arquivo Técnico da CAGEPA</i>	43
4.2.2 <i>Arquivos da PBPREV</i>	43
4.2.3 <i>Arquivo Corrente e Intermediário da SEAD</i>	44
4.3 Procedimentos e Instrumentos de coleta de dados	45
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	48
5.1 Perfil do entrevistado e mapeamento geral das habilidades digitais	48
5.1.1 <i>Perfil do entrevistado</i>	49
5.1.2 <i>Mapeamento geral das habilidades digitais</i>	50
5.2 Habilidades digitais associadas às funções exercidas no Arquivo	56
5.2.1 <i>Entendendo a visão dos entrevistados acerca da importância de competências digitais nos Arquivos</i>	56
5.2.2 <i>Migração e cópias de acesso à informação</i>	57
5.2.3 <i>Atendimento ao usuário da informação</i>	58
5.2.4 <i>Sistemas utilizados</i>	59
5.3 A visão do gestor arquivista sobre as competências profissionais e digitais da sua equipe	64
5.3.1 <i>Refletindo acerca das competências digitais da equipe no presente</i>	64
5.3.2 <i>Buscando soluções para adequar a equipe às TI</i>	65
5.3.3 <i>Conhecendo as estratégias futuras para o desenvolvimento da Literacia Digital</i>	66
5.4 Grau de Literacia Digital	67
5.4.1 <i>Grau de Literacia Digital</i>	67
5.4.2 <i>Os impactos da Literacia Digital nos Arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD</i>	69
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	. 74
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	79

1 INTRODUÇÃO

A partir de 1945, iniciou-se a Era da Informação, período no qual aconteceram os avanços tecnológicos. Atualmente, ainda estamos vivenciando esse momento, e essa evolução tem influenciado, consideravelmente, a relação entre as pessoas e até mesmo seus hábitos. Os profissionais constituem uma grande parcela da Sociedade da Informação, os quais devem estar em constante desenvolvimento e adaptação. E isso é refletido no ambiente de trabalho que, por sua vez, é aliado das Tecnologias da Informação (TI), já que elas possibilitam mais agilidade e eficácia das atividades cotidianas da organização.

Os Arquivos também são afetados por esses avanços, tendo em vista que a sociedade carrega consigo um perfil cada vez mais ativo na busca, uso e até mesmo produção da informação a partir de outras fontes de informação. Desse modo, a utilização das TI, nessa unidade de informação, não só possibilita aprimorar seus serviços sob os produtos: os documentos — como também para os usuários da informação.

Podemos notar que, como qualquer outro ambiente/setor de trabalho, os Arquivos também estão inseridos talvez até mais nesse contexto tecnológico. Conforme Silva (2008), essa mudança de suporte de papel para o digital leva os profissionais da informação a adaptarem suas atividades a esses meios tecnológicos de modo inevitável.

O arquivista é considerado um profissional da informação, o qual também deve atrelar suas atividades às novas tecnologias. Contudo, ainda é perceptível que alguns Arquivos não possuem uma visão contemporânea da Arquivologia de que os eles não são, apenas, ambientes que armazenam documentos em suporte papel, e esse pensamento pode repercutir na falta de pessoas capacitadas para utilização dos meios tecnológicos, inclusive a ausência de arquivistas nestes Arquivos.

Essa ausência de competências digitais impossibilita o avanço dos serviços arquivísticos para a Sociedade da Informação. Desta maneira, o ambiente de Arquivo para estar a serviço da sociedade precisa “andar lado a lado” com a evolução tecnológica da informação. E esse deveria ser um dos requisitos básicos para funcionários de Arquivos: possuir Literacia Digital. Nos dias atuais, a Literacia Digital nos Arquivos deve ser preservada, como discutem Aires (2015), Loureiro e Rocha (2012), Oliveira e Giacomazzo (2017), Santos, Azevedo e Pedro (2015), Silva (2008), Patrício e Osório (2016).

O problema aqui tratado é a ausência de pessoal qualificado nos meios tecnológicos nos ambientes de Arquivos que, na maioria das situações, pode ser visto com descaso ou até como algo natural. Os gestores dos órgãos, como estratégicos que são, precisam refletir acerca disso e planejar/implementar estratégias que visem a identificar essas lacunas e a buscar soluções que transformem esse cenário.

Outro fator que chama a atenção, é a documentação que está sendo produzida e armazenada em dispositivos digitais, desconsiderando o fato de que outros profissionais que trabalham nos Arquivos – os quais na maioria das situações, pelo menos alguns, não são arquivistas, podem não possuir a Literacia Digital ou tê-la desenvolvido, mesmo com a proporção que as TI alcançaram. Desse modo, seria um impedimento para a execução das atividades arquivísticas. E isso nos leva a questionar: como a falta de Literacia Digital influencia na prática arquivística?

Essa pesquisa tem como objetivo geral apresentar os impactos da Literacia Digital nos Arquivos para enfrentar os desafios da Arquivologia Contemporânea. E para esse desenvolvimento, traçaram-se como objetivos específicos: 1. mostrar a importância da Literacia Digital nos Arquivos na contemporaneidade; 2. analisar a realidade dos Arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD acerca da ausência ou não de adquirir/desenvolver a Literacia Digital e; 3. identificar o grau de Literacia Digital dos profissionais dos Arquivos pesquisados.

Para o alcance dos objetivos, a pesquisa se caracteriza como descritivo-exploratória, pois visa não só analisar o objeto de pesquisa, mas também conhecer o problema apontado. Quanto ao procedimento, foi realizada uma pesquisa na literatura para conhecer e desenvolver este trabalho através das bases de dados Google Acadêmico, *Scielo* e BRAPCI. Como também uma pesquisa de campo nos Arquivos da Companhia de Abastecimento de Água e Esgotos da Paraíba (CAGEPA), Paraíba Previdência (PBPREV) e Secretaria de Estado de Administração (SEAD), nos quais realizaram-se uma entrevista semiestruturada, instrumento utilizado para coleta de dados. A abordagem seguida para análise dos dados é a quali-quantitativa, pois contemplará tanto a subjetividade e a compreensão do problema da pesquisa, quanto à representação quantificada desses dados.

Vale ressaltar que esse estudo irá tratar a Literacia Digital sob a perspectiva cognitiva, como abordam Aires (2015), Gil (2019) e Silva (2008), a qual busca entender as ações dos profissionais de Arquivo nos meios tecnológicos. A discussão acerca da Literacia Digital foi desenvolvida de modo específico, ou seja, não se buscou abranger outras literacias. Contudo,

acredita-se na relação existente entre essas literacias, embora não sejam muito enfatizadas durante a pesquisa.

A motivação de iniciar essa pesquisa surgiu a partir de experiências compartilhadas nos Arquivos Centrais da SEAD e PBPREV e Setorial da CAGEPA. Durante esse período, considerou-se a necessidade de assistência tecnológica em alguns desses arquivos, devido à dificuldade de alguns servidores dos acervos em manusear os meios digitais, mesmo tendo passado mais de 20 anos que o acesso às novas tecnologias se popularizou, fato que instigou a realização desta pesquisa.

O uso das TI faz parte de todas as atividades dos arquivos, ou seja, integra a prática arquivística. Logo, a realidade vista nos Arquivos afeta diretamente as funções exercidas no ambiente de arquivo e, paralelo a isso, aos documentos em suportes físicos ou digitais, como destaca Bellotto (2004). O interesse em estudar a Literacia Digital corresponde a identificar um conjunto de habilidades de um indivíduo para o uso das TI. Uma pessoa que possui a Literacia Digital é capaz de ler e escrever em um computador, ou seja, possui o conhecimento técnico. Ademais, faz-se necessário o indivíduo fazer uso da sua cognição para relembrar e usar as técnicas de aprendizado digital.

Embora os meios digitais façam parte do cotidiano da sociedade, ainda existem muitas pessoas que não possuem Literacia Digital. Com o intuito de atrair a atenção para esse tema, neste trabalho, apresentamos essa realidade para, a partir disso, chamar a atenção dos órgãos públicos e incentivá-los à mudança. Ao promover a Literacia Digital, as instituições garantirão melhores resultados e os seus colaboradores sentirão mais domínio para executar suas atividades.

A sociedade paraibana depende das informações contidas nos acervos do Estado de maneira mais rápida, fácil e segura. E para atender essa necessidade, os arquivistas e os profissionais de arquivo precisam atuar de modo a garantir a mediação informacional. Desse modo,

Outro não é o papel do arquivista na sociedade contemporânea senão o de colaborar estritamente para que os fluxos informacionais na sua área de ação arquivística se possam dar de forma plena e mais satisfatória possível, dentro desta sociedade, toda ela beneficiária de seus arquivos e de seus arquivistas. (BELLOTTO, 2004, p. 304)

E para cumprir a finalidade arquivística de fornecer acesso aos documentos, atualmente, indica também a utilização das TI como meio de aprimoramento dos seus serviços. Por esse motivo, é de suma importância que se estude como e se a Literacia Digital está presente nos arquivos para que medidas venham a ser idealizadas e aplicadas melhorias nas atividades arquivísticas sob os arquivos e para a sociedade.

Este estudo também contribuirá significativamente para a comunidade acadêmica de Arquivologia, tendo em vista a escassez de estudos voltados à Literacia Digital especificamente nos Arquivos. Além disso, possibilitará o desenvolvimento de outras investigações a partir dessa, fortalecendo a necessidade da Literacia Digital nos acervos.

Destaca-se que a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ) apoiou essa iniciativa e financiou esta pesquisa através da cota 2022/2023.

Além dessa introdução, o presente estudo divide-se com a seguinte estrutura: a segunda seção abordará a Literacia Digital, seus aspectos, conceitos, a relação existente entre as outras literacias e os tipos de Literacia Digital; e como sequência, a Arquivologia Contemporânea, terceira seção, em que se discutirá a teoria da Arquivologia e sua evolução e consolidação sob variadas facetas e como ela é vista na contemporaneidade com as TI como parte integrante dos Arquivos; em seguida, na quarta seção, será apresentada a Metodologia utilizada para realização da pesquisa quanto à natureza, à abordagem, aos objetivos, o universo da pesquisa e os procedimentos de coleta de dados; os Resultados da pesquisa, como quinta seção, subdividido com as categorias da entrevista; e como última seção, as Considerações Finais.

2 A LITERACIA DIGITAL

Essa seção apresentará os conceitos de Literacia Digital, além de associá-la a outros tipos de literacia, conforme as perspectivas de autores que abordam esse tema. Em seguida, serão apontadas as subdivisões da Literacia Digital segundo o Modelo de *Yoham Eshet-Alcali* e *Yair Amichai-Hamburger*. E ainda, abordará a relação entre a Literacia Digital e o contexto social que o indivíduo está inserido e as características que podem influenciar.

2.1 A Literacia Digital nas perspectivas teóricas

Antes de iniciar a discussão acerca da Literacia Digital, é necessário que se compreenda o significado desses termos isoladamente: a Literacia pode ser entendida como um conjunto de competências de leitura e escrita. De acordo com Capobianco (2010, p. 84), a “Literacia é um neologismo aplicado alternativamente à palavra letramento e alfabetismo. A palavra literacia deriva-se do Latim *Litteram* e é comum em Portugal onde, desde o século XV, significa capacidade de ler e escrever.” Alguns autores utilizam inclusive o termo letramento quando se referem à literacia, termo esse que é preciso na alfabetização, mas também em outras formas de aprendizado, ou seja, a literacia ou letramento abrange muitas áreas.

Capobianco (2010) relata que, através de estudos em diversos países desenvolvidos chegaram à conclusão de que até algumas pessoas alfabetizadas não dominavam essas competências de leitura e escrita. Por este motivo, os pesquisadores consideram que a alfabetização está ligada à literacia, contudo são distintas, ou seja, são dependentes e possuem suas especificidades. (CAPOBIANCO, 2010) Nesse sentido, a literacia e a alfabetização podem dialogar entre si, porém são diferentes, pois é possível encontrar pessoas que possuam literacia em alguma área e que não são alfabetizadas ou ao contrário como visto anteriormente – ser alfabetizadas e não possuírem literacia.

A UNESCO (2005) considera a literacia como um direito fundamental para o ser humano, talvez até mais importante que o direito ao acesso às novas tecnologias, e por isso comemora o dia internacional da literacia, buscando reforçar a importância dela como um direito básico e também como meio para atingir desenvolvimento pessoal e social.

Já “a palavra Digital origina-se do Latim *Digitalis* e era usada como medida [...] e atualmente indica dados em forma de dígitos binários e é usada para definir sinais de

comunicação digital.” (CAPOBIANCO, 2010, p. 86) Conforme Pereira (2011, p. 31), “[...] remete sobretudo para multimídia, códigos binários, interatividade, entretenimento, etc.”

Conforme Aires (2015), Gilster, em sua obra do ano 1997, trouxe um dos primeiros estudos associados à Literacia Digital e popularizou o termo. Por isso, vale destacar que a Literacia Digital já vem sendo discutida há alguns anos. Contudo, a Literacia Digital ainda possui muito destaque pelo avanço tecnológico acelerado e essa tecnologia exige algumas competências específicas para seu manuseio. Ela surge na área da Ciência da Informação (CI), considerando que a CI estuda a sociedade e seus fenômenos infocomunicacionais.

O termo Literacia Digital surge de forma isolada, especificamente, na área da educação, mas também abrange outras áreas atualmente, principalmente, as que lidam com informação. A Literacia Digital pode ser entendida como as habilidades adquiridas ao longo do tempo a qual possibilitam a competência digital, ou seja, a capacidade de utilizar as tecnologias da informação. Capobianco (2010, p. 86) acredita que “os estudos normalmente definem a Literacia Digital como habilidades necessárias para utilizar os computadores ou habilidades para usar o computador para navegar na internet.” Então, a literacia neste contexto informatizado pode ser entendida como:

[...] às práticas sociais do dia-a-dia, à participação em múltiplas comunidades de significado, aos contextos mediados por instrumentos diversos que exigem uma grande variedade de competências específicas. Neste sentido, o conceito de literacia, ou melhor, de literacias digitais que defendemos, é complexamente social, mediatizado, digital e multimodal”. (AIRES, 2015, p. 4-5)

Essa afirmação aponta que a Literacia abrange as competências em determinada área. No contexto da Literacia Digital, competências digitais. Para mais, a Literacia Digital possui caráter social e pode ser realizada de muitos modos. Nessa obra, a autora também defende a relação entre a Literacia Digital e a Competência Digital. Essa ligação é necessária para compreender o conceito de Literacia Digital. Em suma, torna-se fundamental ter um olhar de que ela não existe sem a Competência Digital, uma vez que elas são indissociáveis. Pereira (2011, p. 38) reforça essa ideia ao apontar que “as competências digitais e ligação à literacia digital são temas recorrentes na investigação internacional.”

As perspectivas dominantes da Literacia Digital, tais como: a literacia pode ser um conjunto de **habilidades técnicas** ou **cognitivas**, seguindo **a primeira um enfoque conceitual** e **a segunda operacional**. (AIRES, 2015, grifo nosso). Nesse sentido, as habilidades técnicas podem ser caracterizadas como o conhecimento de como funciona os meios informacionais, por isso trata-se de um contexto conceitual. Já as habilidades cognitivas estão mais ligadas à capacidade mental relacionadas à lembrança, pensamento, reflexão de tudo que foi aprendido,

ou seja, faz parte da construção e desenvolvimento do conhecimento, por este motivo envolve também a operacionalidade.

Pereira (2011) aborda uma perspectiva ampliada dessas apresentadas anteriormente, segundo ele, a Literacia Digital não só pode ser vista como um conjunto de habilidades técnicas, mas também como a uso desse aprendizado para satisfazer determinada necessidade do indivíduo, ou seja, a Literacia Digital passa a ser composta pela análise crítica. Ele também destaca que o indivíduo que possui literacia digital pode ter papel ativo perante a escrita, linguagem e etc.

Pereira (2011) e Aires (2015) convergem entre seus posicionamentos ao considerarem que a Literacia Digital pode ser compreendida além de técnicas, ou seja, não basta simplesmente saber ligar e manusear um computador ou outros tipos de equipamentos digitais, é preciso ainda que o indivíduo recorde o que aprendeu e interaja com a máquina para acessar o que deseja. Por este motivo, existe uma relação direta entre a Literacia Digital e Literacia Informacional, bem como outros tipos de literacia.

Conforme Silva (2008), a Literacia Digital está muito ligada à Literacia Informacional, sendo a última conceituada pela capacidade do indivíduo de buscar, selecionar e usar a informação, levando em conta suas competências críticas e cognitivas. E o autor nos remete a relação dessas áreas com o estudo do Comportamento Informacional que segue uma abordagem cognitiva da CI, anteriormente, abordada por Aires (2015). Esse paradigma compreende o contexto informacional e também do usuário da informação, bem como as necessidades existentes para levar o indivíduo a determinado comportamento de busca.

Loureiro e Rocha (2012) também correlacionam a literacia digital e informacional e acreditam que as Literacias Digital e Informacional são conceitos-chave e indissociáveis para a sociedade digital e que todo cidadão deve ter essas atribuições. Já Silva e Cardoso (2020) distinguem a Literacia Digital da Literacia Informacional, embora pareçam ser semelhantes, considerando que quando um indivíduo sabe operar meios tecnológicos informacionais, não necessariamente ele saberá selecionar, avaliar, usar e produzir informação, ou seja, ter Competência Informacional ou Literacia Informacional.

Esse olhar de Loureiro e Rocha é muito pertinente para essa discussão, tendo em vista que alguns autores tratam da Literacia Digital e Literacia Informacional como uma, porém em ambas, existem particularidades. A primeira está relacionada à competência em operar e acessar os meios digitais e a outra diz respeito ao acesso e uso mais criterioso da informação. Vale destacar que as duas Literacias estão intrinsecamente ligadas, mas seguem alguns aspectos diferentes.

É complexo de entender, mas é necessário compreender que uma permite o alcance da outra. Assim, Silva e Cardoso (2020, p. 3) acreditam que “[...] a literacia digital (LD) é um passo importante para alcançar a literacia informacional (LI) que por sua vez vai além dos recursos e ferramentas digitais não sendo possível, portanto, estabelecer uma relação necessariamente positiva de consequência desta em relação àquela.”

Santos, Azevedo e Pedro (2022) apontam a perspectiva mais tradicional da literacia da informação e literacia mediática, as quais englobam elementos digitais e não digitais, por isso não são consideradas como Literacia Digital. Porém, os autores enfatizam que o grande crescimento do contexto digital possibilitará que a Literacia Digital seja integrada a essas outras literacias. Eles também tratam a Literacia Digital como o mesmo que Competência Digital, convergindo com o pensamento de Aires (2015).

Como já enfatizado anteriormente, acredita-se que existe uma ligação entre essas literacias, contudo, ainda que o cenário informatizado possa se expandir mais, vale destacar que são áreas de estudo distintas. Embora relacionadas e consecutivas, a LD abrange habilidades no uso de meios tecnológicos, os quais exigem cognição para relembrar ensinamentos e executá-los, em sua totalidade, manualmente, já LI requer também a cognição, mas para selecionar e avaliar informações.

Alguns literatos tratam a Literacia Digital como algo engessado que repercute apenas em técnicas, contudo para desenvolver essas técnicas é necessário utilizar a cognição, ainda que não seja tão acentuada como na Literacia Informacional. A Literacia Informacional, por sua vez, permite o uso da cognição para buscar, analisar, avaliar, selecionar e usar a informação. Assim, percebe-se que ela não está voltada a questões técnicas nem mesmo a utilização de uma cognição superficial ou rápida.

Silva e Cardoso (2020) apontam a aproximação entre as Literacias Digital e Informacional ou Competências Digital e Informacional, que pode levar a confusão entre esses termos ou ainda permitir uma mesma visão de igualdade entre os dois termos. Mas, para eles, são áreas distintas. Vale considerar que ter competência em acessar e usar meios digitais não é o mesmo que ter competência informacional.

Existem muitos estudos da Literacia Informacional ao comparar à Literacia Digital, sendo os dois mais voltados, principalmente, à área de Biblioteconomia, Educação e Ciência da Informação, de acordo com a pesquisa de Silva e Cardoso (2020). Mas a Arquivologia, como área da informação, também precisa abranger estudos como esses, tendo em vista que a Literacia Digital e Informacional está, intimamente, relacionada à Arquivologia Contemporânea.

Vieira, Bittencourt e Siqueira (2019), em sua obra, demonstram um olhar mais voltado à Literacia Informacional como maneira de buscar, acessar, avaliar e usar informações através de outras fontes da informação. Estes autores então utilizam o termo “Literacia Arquivística” como uma forma dos usuários da informação terem competências necessárias para pesquisar e interpretar informações sem a necessidade da mediação informacional do arquivista, aperfeiçoando o acesso à informação.

Esse termo Literacia Arquivística também é muito novo. Pode-se afirmar que ele está associado à Literacia Digital, considerando que para buscar informações sem intervenção do arquivista, o usuário precisa saber operar e acessar as novas tecnologias, caso contrário a Literacia Arquivística não pode ser implementada. Por isso, vale destacar que a Literacia Digital pode ser tratada, sobretudo, como uma “ponte” que possibilita o acesso a outras literacias e que sem ela, no cenário informatizado, é impossível adquirir outras literacias.

Existem alguns tipos de Literacia Digital que serão destacados a partir do modelo de *Yoham Eshet-Alcali* e *Yair Amichai-Hamburger*, uma vez que, na Literatura, esses autores foram os únicos que tipificaram a Literacia Digital, sendo algumas obras provenientes dessa. Embora exista um tempo considerável da sua publicação até os dias atuais, a obra é precisa para o tema até aqui abordado.

2.2 Os tipos de Literacias Digitais conforme o Modelo de *Yoham Eshet-Alcali* e *Yair Amichai-Hamburger*

A Literacia Digital possui alguns tipos de literacia que a compõem, tais como a Literacia Foto-visual, de Reprodução, Ramificada, da Informação e Socioemocional, conforme o modelo de *Yoham Eshet-Alcali* e *Yair Amichai-Hamburger*. Adiante, é possível compreender suas características.

2.2.1 Literacia Foto-visual

Essa literacia digital ajuda as pessoas a aprenderem de maneira mais visual e gráfica. Podemos citar como exemplos ícones, jogos etc. Conforme *Eshet-Alcali* e *Amichai-Hamburger* (2004), permite que instruções e mensagens sejam apresentadas visualmente. Isso acelera o aprendizado das pessoas, no tocante àquelas que têm a capacidade de memorização rápida.

2.2.2 Literacia de Reprodução

As TI ampliam a possibilidade de reprodução, considerando que a disseminação das informações não se limita às barreiras espaço-temporais. Essa literacia pode ser compreendida como a criação de novos significados e interpretações a partir de outros pontos de vista já existentes. (ESHET-ALCALI; AMICHAH-HAMBURGER, 2004).

Capobianco (2010) acredita que a literacia de reprodução está muito ligada à redação em ambientes virtuais que bem como as redações físicas também possui suas habilidades como a de encontrar as informações que precisa, evitar distrações e focar na atividade em execução, saber utilizar o computador, entre outros.

2.2.3 Literacia Ramificada

Os ambientes digitais modernos possuem uma hipermídia de natureza não-linear. *Eshet-Alcali* e *Amichai-Hamburger* (2004) exemplificam esses espaços como a internet, banco de dados e ambientes multimídias. Segundo os autores, a tecnologia de hipermídia moderna permite que os usuários tenham mais liberdade para utilizar seus conhecimentos como também refletir acerca das estratégias de busca de informação não-linear e ramificada. E a partir disso construir conhecimento.

Eles apontam que a literacia ramificada está ligada ao pensamento metafórico e ao uso de conhecimentos até mesmo complexos, seguindo orientados sem se perder no hiperespaço. (ESHET-ALCALI; AMICHAH-HAMBURGER, 2004). Ou seja, os usuários que possuem esse tipo de Literacia Digital sabem pensar e buscam satisfazer suas necessidades informacionais mantendo o domínio dos ambientes digitais.

2.2.4 Literacia da Informação

Com o crescimento da disseminação informacional, torna-se ainda mais necessário avaliar a veracidade da informação que está sendo acessada, considerando que a partir dela poderão surgir críticas, ideais, posicionamentos, conclusões etc. De acordo com *Eshet-Alcali e Amichai-Hamburger* (2004), a literacia da informação também faz parte dos tipos de Literacia Digital.

Logo, para os autores, essa habilidade exige um pensamento crítico, pois permite “[...] it identifies false, irrelevant, or biased information, and avoids its penetration into the learner’s cognition.” (ESHET-ALCALI; AMICHAH-HAMBURGER, 2004, p. 423). Em suma, trata-se da habilidade de filtrar a informação. Considerando que esse tipo de literacia também pode ser tratada como independente por alguns literatos, não será aprofundada, tendo em vista que a ênfase será para a Literacia Digital. Embora *Eshet-Alcali e Amichai-Hamburger* acreditem que a Literacia da Informação seja um tipo de Literacia Digital.

2.2.5 Literacia Socioemocional

A literacia socioemocional requer o uso das habilidades formais da literacia digital associada às emoções nos ambientes digitais. *Eshet-Alcali e Amichai-Hamburger* (2004) acreditam que entre todos os tipos de literacia digital, esse é o mais complexo, pois ela exige que o usuário tenha o pensamento crítico, tenha domínio das informações e habilidades foto-visuais e ramificações para, a partir disso, evitar armadilhas e criminosos da internet.

Capobianco (2010) destaca que a maior característica dessa literacia é a interação, seja em participação em sites, comunicação em redes sociais e outros, que possibilitam essa troca de conteúdo emocionais.

Considerando que o contexto social pode influenciar no desenvolvimento da Literacia Digital, serão apontados alguns aspectos que podem interferir positivamente ou negativamente nesse cenário.

2.3 A Literacia Digital e o contexto social

Desde a expansão das TI, busca-se a adequação a esses meios informacionais tanto por parte das empresas quanto por parte dos trabalhadores e sociedade em geral, porém os ambientes formais são os que mais investem no desenvolvimento da Competência Digital. Todavia, Gil (2019), destaca que, embora sejam planejadas estratégias para os contextos formais, as competências digitais geralmente são adquiridas por meio de contextos informais. Tais como: grupo social, nas rotinas individuais diárias e até mesmo para lazer. Logo, na vida cotidiana pode-se observar diferentes formas de praticar a Literacia Digital.

Isso leva à reflexão de que diferentes grupos de pessoas com diferentes hábitos que muitas vezes podem ser a causa da dificuldade existente no aprendizado de manusear as novas tecnologias. Podemos observar, na sociedade atual, que alguns jovens têm mais facilidade de adquirir a Literacia Digital, já alguns adultos e idosos podem sentir mais dificuldade em executar algumas tarefas específicas ou não possuem Literacia Digital.

Essa realidade pode ser entendida como características histórico-culturais e que também são refletidas pelo grupo social que essas pessoas foram e/ou estão inseridas. Por exemplo, os jovens, atualmente, já crescem em uma cultura digital e ainda mantêm a comunicação com uma comunidade informatizada, a qual está a todo tempo buscando informações e até produzindo informações, logo eles são mais suscetíveis a desenvolver Literacia Digital.

Então, “Paralelamente, pessoas nascidas e socializadas neste contexto socio-técnico costumam apresentar grande facilidade em lidar com os aparatos tecnológicos, ou seja, são **detentores da literacia digital** de forma quase espontânea [...]”. (CARDOSO; SILVA, 2020, p. 18, grifo nosso).

Vale destacar o termo que os autores utilizam, ao apontar que o grupo de pessoas nascidas nesse contexto são “detentores da Literacia Digital”, ou seja, eles já a possuem,

contudo, vale lembrar, mais uma vez, que existe uma grande parcela da sociedade que sente dificuldades, por não ter sido inserida nesse contexto, pela comunidade com a qual socializa também não ter sido introduzida, por não se sentir incluído, por não ter motivação e incentivo para aprender, enfim podem ser vários motivos. E isso, pode provocar uma exclusão digital e até mesmo social, ocasionada, na maioria das vezes, pela falta de investimento para que essas pessoas se engajem e aprendam a utilizar os meios tecnológicos.

A Sociedade da Informação traz muitos benefícios em todas as áreas, contudo pode provocar a exclusão de determinado público que não conseguiu ainda se adaptar. Conforme Gil (2019), existe pressão para possuir Literacia Digital na sociedade contemporânea. E isso pode dificultar o processo de aprendizado e reforçar ainda mais a exclusão digital. É por esta razão que a promoção da Literacia Digital está diretamente atrelada à inclusão digital.

A Literacia Digital permite um papel mais participativo das pessoas e gera uma característica ativa no sentido de desenvolver conhecimento e utilizá-lo para operar as novas tecnologias, o que não indica uso, seleção e avaliação das informações. Mas que, por sua vez, exigirá o uso da cognição para realizar qualquer atividade técnica no computador/celular. Assim, o utilizador precisa conhecer como manusear os equipamentos digitais, o que não está necessariamente associado a um conhecimento de busca, avaliação e análise crítica da informação, mas sim referente à recordação do que/como foi ensinado para chegar em determinada operação.

Para entender como a Literacia Digital no contexto da Arquivologia, é preciso conhecê-la tanto em termos de evolução quanto dos princípios que a norteiam. E a próxima seção discutirá essas perspectivas.

3 A ARQUIVOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Sobretudo, antes de discutir acerca da Arquivologia Contemporânea, torna-se necessário compreender as teorias e os princípios da Arquivologia, enquanto ciência. Por isso, essa seção é destinada a apresentar a trajetória e consolidação da Arquivologia, como área autônoma e, ao mesmo tempo, interdisciplinar, tendo em vista que ela dialoga com outras áreas. Posteriormente, será abordada a Arquivologia na Contemporaneidade, como ela é vista e suas principais características, como também a sua aproximação à Literacia Digital, devido ao contexto das TI e sua aplicação dentro dos Arquivos.

3.1 Teorias e Princípios da Arquivologia

Desde os primórdios, o ser humano sentia a necessidade de registrar seja através de gravuras, pinturas ou outros mecanismos. A escrita e leitura, durante muito tempo, foi usada principalmente pela Igreja, como fonte de poder.

Araújo (2013b) aponta que a partir do Renascimento, século XV, encontra-se interesse teórico pela história e produção humana e isso contribuiu na busca de conhecimento teórico na área da Arquivologia. Muito embora já existisse a manifestação da escrita e espaços específicos para guardar esses registros, há mais de cinco milênios. No século XVII, o autor enfatiza como um “tesouro” a obra *De re Diplomática* de Jean Mabillon, e a partir dela foi ainda mais reforçada uma visão patrimonialista do documento, de que o documento, como produção intelectual, precisa ser guardado e preservado para a sociedade futura.

Ainda conforme Araújo (2013b), a Revolução Francesa e outras revoluções serviram como parâmetro para a criação do Arquivo Nacional e a abertura de cursos profissionalizantes para alocar pessoas qualificadas para esse ambiente de trabalho. Tognoli (2010) aponta que neste contexto da Revolução Francesa também surgiu a “Lei do 7 Messidor”, a qual permitia a abertura do arquivo aos cidadãos, porém ela favoreceu mais aos historiadores por fins de estudo que a própria sociedade, a qual não era incentivada pela busca informacional.

Araújo (2013a, p. 52) retrata que, através da Revolução Francesa,

surgiu aí o conceito moderno de “Arquivo Nacional”, que tem no seu caráter público (no sentido de “nacional”, relativo ao coletivo dos nascentes Estados modernos) sua marca distintiva. São formadas as grandes coleções, operam-se amplos processos de

aquisição e acumulação de acervos – o que reforçou a natureza custodial destas instituições.

Vale destacar que a partir dessa Revolução também surgiram os princípios de “fundo documental”, para evitar o acúmulo de documentos nesses Arquivos, separando-os conforme provem seus fundos; e “ordem interna”, o qual defende que é necessário preservar a ordem original dos documentos. Sendo o último uma continuação do primeiro.

Araújo (2013b) menciona o conceito de fundo, pensado por Natalis de Wailly, e também o *Handeigling voor het ordenen em beschrijven van Archieven*, mais conhecido como o “Manual dos holandeses”. Costa e Roncaglio (2020) enfatizam que o Manual dos Holandeses foi traduzido para mais de 60 idiomas, chegando ao Brasil como: Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos, em 1960.

Esse Manual foi um marco para a Arquivologia, pois ele foi o primeiro trabalho que continha técnicas arquivísticas. Considerando que a Arquivologia passou muito tempo sendo submissa aos estudos da História, essa obra trata-se de um grande avanço para a área. Através dele foram apresentados conceitos como organicidade, fidedignidade e autenticidade dos documentos, além de outros princípios, destaca Ávila (2011). No século XIX, Araújo (2013b) e também Tognoli (2010) retratam que a Arquivologia se tornou independente e foi consolidada enquanto disciplina científica.

Shelleberg também trouxe a ideia de não reunir os fundos advindos de distintas instituições com o Princípio da Proveniência. Ou seja, ele amplia o Princípio de respeito aos fundos. Para Tognoli (2010, p. 13), o Princípio da Proveniência “[...] leva os arquivistas a entender a contextualização do documento, sua função, seu criador, a forma, e o papel na instituição que o criou”. Conforme Tognoli (2010), esse princípio surgiu durante a Revolução Francesa, devido ao grande acúmulo de documentos.

A partir dessa primeira reflexão científica na Arquivologia, no século XX, em 1922, Sir Hilary Jenkinson publicou *A Manual of Archival Administration*, como apontam Tognoli (2010) e Araújo (2013). De acordo com Tognoli (2010), Jenkinson e Shelleberg são um dos principais teóricos da área no século XX, seus estudos são de extrema relevância para a Arquivologia Contemporânea. A proposta de Jenkinson foi reduzir a acumulação de documentos através da seleção feita pelo criador para preservar os documentos que teriam fins de prova e pesquisa e os que precisavam ser eliminados (TOGNOLI, 2010). Costa e Roncaglio (2020) relatam que essa obra surgiu em resposta à dificuldade de organizar a massa documental acumulada devido à I Guerra Mundial.

Jenkinson apresenta o documento como objeto individual, o qual pertence às classes de documentos, além de distinguir o termo *document* para se referir ao uso corrente e *archives* aos documentos de guarda permanente. (COSTA; RONCAGLIO, 2020). E partindo dessa visão administrativa e do modo de ver os documentos, Jenkinson reforça duas qualidades do arquivo: imparcialidade e autenticidade (TOGNOLI, 2010).

Nesse sentido, Costa e Roncaglio (2020, p. 361) explicam que:

A imparcialidade deriva-se do fato que os documentos têm como objetivo precípua atender à instituição que os produz. Enquanto que a autenticidade vem do fato que a custódia é exercida pela e para a instituição produtora ou seu legítimo sucessor, garantindo, assim, que os documentos não sofram alteração e mantenham uma cadeia ininterrupta de custódia. Caso a cadeia seja quebrada, os documentos não são confiáveis.

Essas duas qualidades até os dias de hoje são imprescindíveis para os arquivos, considerando que os documentos arquivísticos precisam ser imparciais e autênticos, ou seja, devem manter-se neutros quanto aos interesses individuais e/ou coletivos, preservando os fins institucionais ao passo que não podem sofrer nenhum tipo de modificação ao longo de seu ciclo de vida.

Mais que o Manual dos Holandeses, em 1973, e o de Jenkinson (1922), Costa e Roncaglio (2020, p. 358) ressaltam “[...] o manual de Eugenio Casanova (1928) e o de Adolf Brenneke (1968)”. A publicação da obra Arquivística por Eugênio Casanova tratava-se “[...] das funções dos arquivos: além de recolher os documentos representativos da atividade de entidades e organismos, garantindo sua segurança e preservação, também devem os arquivos fazer isso com menor esforço, poupando trabalho, e utilizando com o máximo de economia as instalações, o pessoal, o tempo, e administrando os custos.” (ARAÚJO, 2013b, p. 53).

Araújo (2013a) também ressalta a teoria dos valores documentais, desenvolvidos por Philip Brooks, em 1940, o qual estabelecia três categorias de valores (a instituição, o estudo da história administrativa dela e a história geral); enquanto Schellenberg, em 1973, introduziu a teoria de valor primário (documentos produzidos para fins administrativos da entidade) e secundário (para fins de prova e/ou pesquisa).

Segundo Costa e Roncaglio (2020), esse momento foi marcado pelo período clássico, o qual consolidou a Arquivologia, não só a partir desses manuais, mas também com os desdobramentos e reflexões acerca do princípio de proveniência. (COSTA; RONCAGLIO, 2020).

Conforme Araújo (2013a, p. 53), no final da década de 1970, “[...] começaram a aparecer as primeiras reflexões sobre os registros eletrônicos [...]” Questionamentos acerca da

preservação e autenticidade de documentos digitais também foram levantados, aponta Araújo (2013a).

Contudo, Tognoli (2010) destaca que a avaliação documental só é mencionada por Shellemberg, em seu livro *Modern Archives: principles and techniques*, o que representa a Arquivística Moderna, sendo essa obra baseada nas novas formas de produção e acumulação de documentos. Shellemberg traz o conceito de avaliação documental utilizado até hoje, a qual visa selecionar os documentos, conforme os seus valores (primário e secundário), para destinação final, ou seja, eliminação ou guarda permanente.

Conforme Costa e Roncaglio (2020, p. 368),

O valor primário é para o uso da própria entidade onde se originaram os Documentos [...] para o uso das outras entidades e utilizadores privados, dividido em valor probatório – a prova que contém da organização e do funcionamento do órgão governamental – e valor informativo – a informação que contém sobre pessoas, entidades, coisas, problemas, condições etc. com que o órgão governamental haja tratado.

Destarte, um documento que possui o valor primário é aquele que cumpre com a finalidade para qual foi criado e não precisa ser destinado à fase permanente, considerando que ele é caracterizado por fins administrativos, legais e fiscais. Já o de valor secundário contempla valor informativo e/ou probatório para a instituição e sociedade e precisa ser mantido nela permanentemente. Sendo que esses valores serviriam de base para implementar a avaliação documental, conforme a visão de Shellemberg.

Como Tognoli (2010), Bellotto (2017, p. 45) também apresenta algumas obras que permitiram a consolidação da Arquivologia e seus teóricos que marcaram a trajetória da ciência, como:

[...] Hilary **Jenkinson** (*A Manual of Archive Administration*, 1922) e **Schellenberg** (*Modern Archives: principles and techniques*, 1956/ tradução brasileira: Arquivos Modernos: princípios e técnicas 2006) os vemos refletindo, teorizando e apresentando metodologias novas para sua época, nos meados do século XX, porém sem saírem ainda das órbitas (aquelas sim inovadoras), da segunda metade do século XIX, trazidas por **Muller, Feith e Fruin** (Manual dos Arquivistas Holandeses, 1898/tradução brasileira: Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos, 1973) e pela implantação de *respect des fonds* por Natalis de **Wailly** nos arquivos franceses (embora esse princípio é hoje reconhecido mais pragmático do que teórico, ao contrário do que pareceu na época).

Tognoli (2010) enfatiza que essas obras impulsionaram a criação do termo *record management* ou gestão de documentos, por Leahy. Contudo, foi idealizada na América do Norte a divisão dos *record managers* e os arquivistas, sendo o primeiro responsável pelo valor

primário e o último pelo valor secundário. O que provocou grande impacto nas reflexões anteriores da área.

A partir dessa perspectiva a área foi limitada, sendo parte dos arquivistas destinados a trabalhar com documentos históricos e de pesquisa, enquanto aos documentos com fins administrativos eram geridos por outro tipo de arquivista. Em muitos países ainda é considerada essa divisão entre os arquivistas responsáveis pela gestão de documentos. Contudo, no Brasil, prevalece a visão de que arquivista é responsável por todas as fases documentais, o qual deve acompanhar o ciclo de vida dos documentos desde sua produção, como também discute Bellotto (2017).

Bellotto (2017) alude que nesse mesmo período, a Austrália rejeitou o conceito de fundos e a partir disso introduziu o *Commonwealth Records Series System* (Sistema de Séries de Documentos da Comunidade Britânica), mais conhecido como Sistema Australiano de Séries. O Sistema de Séries levou a reavaliação de alguns princípios da área, tais como princípio da proveniência, ordem original no contexto de estruturação governamental pós-guerra, explica Bellotto (2017).

“O avanço constante da tecnologia, a partir da II Guerra Mundial, afeta a forma de produção e consumo da informação”, explica Soares, Pinto e Silva (2015, p. 25). Esses autores apontam que a partir disso algumas reflexões foram surgindo pelos profissionais que lidam com a informação.

Segundo Soares, Pinto e Silva (2015), essa perspectiva introduziu o paradigma pós-custodial, o qual ocorreu no final do século XX, e compreende que o objeto de estudo da Arquivologia não se trata do documento em si, mas da informação contida nele. Essa visão permite mais aproximação entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, tendo em vista que ambas estudam a informação. Vale ressaltar que o paradigma custodial mantinha a valorização da fase permanente, já o pós-custodial abrange todo o ciclo de vida.

Bellotto aponta que esse contexto passou a ser conhecido como “pós-custodial” que se trata de uma proposta australiana do modelo *continuum*, o qual “deu-se principalmente com base na constatação da incapacidade dos atuais arquivos históricos, por serem por definição instituições alheias à produção, de responderem satisfatoriamente pela custódia e preservação dos documentos inativos, em especial, os digitais.” (BELLOTTO, 2017, p. 46).

De acordo com Bellotto (2017) esse momento foi marcado pelo modelo do ciclo vital dos documentos que pode ser caracterizado pelas fases que os documentos perpassam tais como, a fase corrente, intermediária e permanente.

Sendo assim, o contexto do século XX na Arquivologia, retratava duas perspectivas:

De um lado, fica o modelo do ciclo vital que evoca uma metáfora orgânica em que os documentos existem como objetos que vivem uma vida completa; os documentos viajam numa linha do tempo que os leva da criação à destruição ou à preservação num arquivo. É um modelo norte americano de gestão de documentos, que joga com a idéia (sic) de nascimento, vida e morte. Do outro lado, está o modelo do continuum, que traz à mente noções de gradientes de tempo e de espaço desprovidos de divisões atomistas ou direções preferenciais e que jogam com as formas em que os processos de organização arquivística podem existir no interior de seu espaço de pensamento. (BELLOTTO, 2017, p. 46)

Como já mencionado, o ciclo vital permite que os documentos perpassem pelas fases de vida: corrente, intermediária e permanente. Nesse sentido, na prática, a Tabela de Temporalidade de Documentos estabelece o período que cada um deve passar nessas fases. Já o modelo Australiano, *continuum* possui alguns traços do modelo norte-americano, contudo Bellotto destaca que foi uma nova proposta de tratamento documental. Bellotto (2017) retrata que esse desentendimento surgiu através das questões fomentadas pelos dois tipos de arquivista – arquivistas da fase primária e arquivistas da fase secundária, impulsionado ainda pelo desafio de gerenciar e preservar os documentos eletrônicos nas duas profissões. Logo, o modelo *continuum* foi criado, em 1950 e 1960, para unificar a profissão. Logo,

As origens institucionais do método *continuum* permitiu que este se tornasse mais sofisticado na Austrália do que na América do Norte, criando uma ideia de organização de arquivos com enfoque sobre os processos por meio do quais os documentos são usados e ganham sentido, ao invés de serem vistos como objetos que passam por uma série ordenada de operações à medida que envelhecem. (BELLOTTO, 2017, p. 49).

A visão tradicional acreditava que o documento é criado para cumprir uma atividade administrativa, mas o modelo *continuum* desafia essa perspectiva ao destacar que o documento é criado para além disso, sendo ela inserida na razão de ser daquela atividade, apresenta Bellotto (2017).

O modelo *continuum* também “[...] dá ênfase à natureza evidencial, transacional e contextual dos documentos; e proporciona uma visão multidimensional da produção dos documentos no contexto social e organizacional, ligando-os a camadas de metadados contextuais.” (COSTA; RONCAGLIO, 2020, p. 371).

Também surge a perspectiva da Arquivística Integrada, na década de 1980, a qual, segundo Costa e Roncaglio (2020), está inserida na área da Ciência da Informação e estuda gestão da informação orgânica que é para além da gestão de documentos. Essa nova arquivística pretende integrar as fases do ciclo de vida documental, unificando o trabalho arquivístico, bem como permitindo que a classificação de documentos seja aplicada em qualquer ciclo, explicam

os autores. Diferente do modelo *continuum* que possui “[...] uma natureza sincrônica ao invés de linear, não contendo a divisão de fases/idades.” (COSTA; RONCAGLIO, 2020, p. 372).

Ao final dessa mesma década, foi criada a Arquivística Funcional ou Pós-moderna, a qual busca compreender o contexto de criação do documento, essa abordagem possibilita melhor entendimento das funções e atividades da instituição, explica Costa e Roncaglio (2020).

Ainda conforme Costa e Roncaglio (2020, p. 378), “a partir da inquietação com o desafio do documento arquivístico em seu novo ambiente eletrônico, a nova Diplomática Arquivística/Contemporânea deriva desse processo de reinvenção com o foco nos documentos arquivísticos contemporâneos”.

Reflexões acerca dos princípios e objetos de estudo que repercutiram no paradigma pós-custodial e a aproximação entre a Ciência da Informação e a Arquivologia. Nesse sentido, o objeto de estudo da Arquivologia era o Arquivo, mas a partir do paradigma pós-custodial passou a ser a informação arquivística.

Conforme Bellotto (2017), tornou-se necessário repensar em conceitos e princípios que *a priori* já consolidaram a Arquivologia. Contudo, ela destaca que

O sentido dos arquivos não muda. Continua a ser irrefutável o fato de que o documento de arquivo e o conjunto no qual se integra, denunciam de imediato sua origem funcional e institucional, demonstrando que sua proveniência e seu contexto de produção imprimem ao documento e ao conjunto verdadeiramente o seu caráter probatório e testemunhal. (BELLOTTO, 2017, p. 42).

Posteriormente, será apresentado a visão da Arquivologia na contemporaneidade a partir dessas novas reflexões.

3.2 A Arquivologia Contemporânea e sua aproximação à Literacia Digital

A Arquivologia passou muitos anos a ter seu objeto de estudo utilizado sob poder e para os interesses religiosos como também foi considerada uma subárea da História. Contudo, a Arquivologia se desenvolveu através dos princípios e obras discutidos na seção anterior e recebeu destaque ao longo dos anos, sendo consolidada como uma ciência independente, a qual também dialoga com outras áreas.

Destarte, o arquivo não passa a ser visto apenas como um ambiente que guarda a informação, mas como um local que realiza serviços sob os documentos através de seu correto

tratamento para cumprir a finalidade de fornecer o acesso à informação, independente do suporte que está materializado. (ANDRADE, 2019).

Sobretudo, Andrade explica que “a informação aparece no discurso da Arquivologia Contemporânea atribuída a seu objeto de estudo e mantendo relação direta entre o documento e o arquivo.” (ANDRADE, 2019, p. 36).

Desse modo, a Arquivologia Contemporânea desperta a discussão frequente entre a “informação arquivística” e “informação orgânica-registrada” ligados aos paradigmas “pós-custodialidade” e “arquivística integrada canadense”, como destaca Andrade, Neves e Souza (2018), sendo estes os primeiros assuntos que refletiram na utilização do termo informação como objeto de estudo da Arquivologia nos anos 90.

A Arquivologia Contemporânea possui um termo que tem origem anglo-saxônica, a qual tem discussões levantadas atualmente e define um momento dessa ciência voltado aos anos 90, sendo ele caracterizado pelo contexto pós-custodial da Arquivologia, explica Freitas (2017).

Nessa perspectiva, Calderon (2013) conceitua a Informação Arquivística como um conjunto de representações de atividade de uma pessoa física ou jurídica no decorrer das suas funções, sendo ela registrada em documentos de arquivo com fins administrativos, de pesquisa e etc. Ela destaca ainda que essa expressão é mais adequada ao cenário informacional atual.

Já a informação orgânica é aquela que precisa da instituição que a criou e a materializou. (ANDRADE, 2019). Enquanto Lousada e Valentim (2012) trazem um conceito com uma percepção parecida à anterior, mas que evoca o conceito de documento arquivístico, para eles, a informação orgânica é produto das funções de uma instituição criada através do exercício das atividades administrativas e no registro físico delas para determinados fins.

Seguindo essa linha, Tognoli (2010) apresenta a corrente do Canadá que surge na parte francesa do Canadá com o intuito de unir a atuação do arquivista. Andrade (2019) aponta que uma das características mais fortes da Arquivística Integrada Canadense é a gestão da informação, que para ela repercute em uma informação arquivística organizada e, conseqüentemente, facilita a tomada de decisão.

Sobretudo, é pertinente entender o objeto de estudo da Arquivologia na contemporaneidade: a Informação Arquivística. Embora o termo “informação” seja polissêmico e complexo, ele provém do latim como *informare* que significa “ação de informar”, Calderon (2013) explica que a partir da Segunda Guerra Mundial, a palavra informação passou a ser muito utilizada e abrange vários contextos da vida social.

Assim, a Arquivologia está ligada à Ciência da Informação devido ao contexto tecnológico e as discussões sobre a informação que, *a priori* já fazia parte da Ciência da

Informação e, com o advento das tecnologias da informação, passa a fazer parte intensamente da Arquivologia.

Para Andrade (2019), a Ciência da Informação e a Arquivologia Contemporânea mantém relações a fim de resolver questões envolvendo a organização dos arquivos em diferentes assuntos, sendo mais recorrente a discussão acerca da informação e as atividades que a abrangem como organização, preservação, recuperação, uso, disponibilização e outros, em principal nos ambientes digitais, considerando o aumento da produção dos documentos nesse suporte. E a finalidade desses estudos está voltada a garantir a autenticidade e a fidedignidade dos documentos digitais.

Vale salientar que apesar dessa aproximação entre as áreas, a Arquivologia é uma ciência autônoma, mas que é considerada interdisciplinar. (ANDRADE, 2019). Nesse sentido, “é preciso que se reconheça as características de cada área, para que dessa forma seja possível a identificação de um ou mais elos existentes entre elas, ou seja, o ponto comum de trabalho tanto na Arquivologia quanto na Ciência da Informação, favorecendo uma integração disciplinar.” (ANDRADE, 2019, p. 64).

Sendo as TI uma das áreas que mais dialogam com a Arquivologia, atualmente, considerando que o objeto de estudo da Arquivologia pode ser criado nesses ambientes. As TI impulsionaram mais facilidade para propagar informações, sendo, atualmente, uma das bases que sustentam a economia da sociedade. Marcada pelo interesse e a necessidade de estar informado, a Sociedade da Informação influencia também os cenários organizacionais, inclusive nos setores de Arquivos. Nesse sentido, a Arquivologia precisou repensar em novas maneiras de produção de documentos. Freitas (2017, p. 14), então, aponta que

O avanço tecnológico e a explosão informacional têm exigido dos/as profissionais de informação um crescente empenho. De tal ordem que, nos arquivos, propugna-se, desde há quatro décadas, por um ajustamento às novas demandas sociais e profissionais. As atividades e as tarefas desenvolvidas pelos/as arquivistas contemporâneos/as já não podem cingir-se apenas às funções consideradas capitais para a guarda e o zelo pela integridade dos documentos. As necessidades de informação atuais impõem novas formas de agir, de pensar e de perceber o meio e os seus fatores condicionantes, de modo a que com uma correta leitura do momento, possam ser promovidas as necessárias transformações da realidade.

Devido a esse cenário tecnológico, os princípios arquivísticos são revistos, como Freitas (2017) defende, considerando assegurar a fidedignidade dos documentos e conseqüentemente o acesso a eles. Então, a Arquivologia e a Ciência da Informação dialogam entre si a fim de responder a esses questionamentos, explica Andrade (2019).

Porém, ressalta-se que “É importante perceber que os princípios arquivísticos não deixam de compor a base teórico-disciplinar da Arquivologia, não são extintos ou considerados obsoletos. Pelo contrário, são considerados fundamentais para o estudo teórico e prático nos arquivos [...]” (ANDRADE, 2019, p. 59). Nesse sentido, é necessário estudar os princípios arquivísticos para adequá-los aos documentos digitais. Embora, eles sejam continuamente revistos necessariamente pelos avanços da sociedade. Por este motivo, tornou-se pertinente apresentá-los anteriormente.

As discussões acerca da “Arquivologia Contemporânea” ocorrem entre as áreas da Arquivologia e Ciência da Informação, tendo em vista que o estudo contemporâneo da Arquivologia está diretamente associado aos contextos informacionais.

Soares, Pinto e Silva (2015) apresentam que alguns teóricos da área defendem a relação interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Arquivologia, contudo [...] o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) considera a Arquivologia como uma área de conhecimento da Ciência da Informação [...]. (SOARES; PINTO; SILVA, 2015, p. 34). Já para Andrade (2019), a Arquivologia é uma disciplina da Ciência da Informação, contudo segue um cenário prático específico. Ainda conforme Andrade (2019, p. 66),

A interdisciplinaridade pode ser vista como método para transpor as fronteiras disciplinares, não exigindo por parte delas uma reciprocidade e sim uma relação muito mais profunda e reflexiva entre as disciplinas, trazendo contribuições no Saber antes mesmo que as necessidades advindas do Fazer se manifestem.

Sendo assim, a Arquivologia na contemporaneidade, além de se aproximar dos estudos da Ciência da Informação também mantém relações com as TI. O papel e estudo da Arquivologia passou a ser impulsionado pela introdução das tecnologias informacionais. Atualmente, esses meios tecnológicos fazem parte de diversos contextos da humanidade. Dessarte, a produção e uso de documentos em ambientes digitais cresce cada vez mais. E ainda, as novas tecnologias podem proporcionar a busca e recuperação da informação de maneira mais rápida e eficaz, dentre tantos outros benefícios. Diante desse cenário,

[...] colocam-se as organizações arquivísticas diante da necessidade de operacionalizar transformações assumindo novas posturas institucionais. Se as novas responsabilidades que resultam da moderna gestão da informação não forem incorporadas pelos arquivos, outras instituições o farão, mesmo porque os próprios usuários buscarão auxílio em outra parte, caso não obtenham os serviços informativos de que necessitam. Não se trata, portanto, de uma mera adaptação às novas tecnologias da informação, mas de **buscar influenciar o seu desenvolvimento**. (JARDIM, 1992, p. 257 grifo nosso).

Por este motivo, torna-se necessário que o arquivista busque entender como funciona os novos processos de produção, avaliação, seleção, uso e destinação dos documentos atrelados às TI e aos princípios arquivísticos para salvaguardar a gestão, organização e preservação dos documentos armazenados nesse meios tecnológicos, como também fornecer seus serviços informativos a fim de fomentar ainda mais o avanço das TI, não apenas como forma de adaptação, mas também como uma contribuição para o desenvolvimento delas, como destacado anteriormente, e respectivamente da Arquivologia.

Segundo Araújo (2013a, p. 58) “[...] a prática arquivística é resultado de um processo de inter-relação entre os elementos que com ela se envolvem: os sujeitos produtores de registros, os arquivistas, os cidadãos (usuários reais e potenciais), os instrumentos e tecnologias existentes em determinado período, os contextos socioculturais (uma época, um lugar)”.

Nesse sentido, “é preciso que os profissionais da informação estejam conscientes da emergência de um novo paradigma, ocasionada pelas mudanças sociais, tecnológicas e profissionais ocorridas nos últimos anos.” (TOGNOLI, 2012, p. 21). A Arquivologia, como uma área da informação, está inserida neste contexto de mudanças, considerando que as tecnologias da informação fazem parte da prática arquivística. Conforme Bellotto (2004, p. 302-303),

a informática está definitivamente incorporada nos arquivos, seja na gestão ou na disseminação da informação de documentos tradicionais, seja na organização e descrição de documentos em suportes isolados concretos, seja nos documentos virtuais, integrantes dos bancos de dados e dos sistemas de comunicações.

Com isso, vale salientar que a informática pode estar presente em todas as atividades/serviços do arquivo, voltados aos documentos digitais bem como aos documentos físicos e/ou analógicos, seja na criação de instrumentos de pesquisa, ou os de gestão, canais de atendimento e muitos outros. Por isso, Tognoli (2012) aponta que existe a necessidade de desconstruir e reformular perspectivas para compreender os estudos contemporâneos.

Além dos estudos no campo da Ciência da Informação, muitos teóricos da literatura arquivística repensa novos conceitos para a área, segundo Bellotto (2017), e a autora destaca algumas indagações como guarda permanente e a sugestão de “guarda por longo prazo”, a questão da preservação de documentos em ambientes digitais e outras questões levantadas. Contudo, para ela, “Mesmo que tenham sido pensados para os suportes documentais tradicionais em papel, os novos paradigmas continuam a mirar também a esse suporte, mas se lhes acrescenta os documentos eletrônicos”. (BELLOTTO, 2017, p. 45). Nesse sentido,

Destaca-se, neste processo de transformação, a imperiosa necessidade do profissional de arquivologia participar da produção dos documentos eletrônicos, cooperando, como já foi mencionado, na **concepção** e no **desenvolvimento** de sistemas automatizados de informação. Daí a importância de se formar e requalificar profissionais de arquivologia que possam desempenhar-se da gestão de recursos da informação, respondendo nos níveis teórico, metodológico e organizacional às diversas questões provocadas pelas novas tecnologias da informação. (JARDIM, 1992, p. 257, grifo nosso).

Podemos destacar dois pontos da colocação de Jardim, o arquivista pode atuar: na produção e no desenvolvimento/manutenção dos sistemas arquivísticos. O arquivista deve buscar o conhecimento de como tratar, organizar, gerir e preservar o documento arquivístico, não apenas para participar da criação dessas plataformas, mas também para fazer o acompanhamento de seu desenvolvimento, possibilitando uma troca de saberes entre os profissionais de TI e a Arquivologia. Ressalta-se, então, a importância do arquivista ter Literacia Digital e buscar desenvolvê-la para se inserir nesses processos, tendo em vista que ele é o profissional responsável pelo tratamento dos documentos, sejam eles físicos e/ou digitais.

Essas colocações de Jardim são imprescindíveis para o cenário atual, pois o arquivista é um profissional qualificado para atuar, diretamente, nos ambientes digitais, possibilitando que a gestão de documentos seja implementada de maneira correta, bem como resguardando a preservação dos documentos do acervo digital. Vale salientar que é impossível ter sistemas arquivísticos digitais organizados sem a interação e acompanhamento do arquivista.

Por este motivo, os profissionais das áreas de TI atrelados aos arquivistas podem proporcionar grande sucesso para a empresa/órgão, e mais que isso, garantem a execução de habilidades técnicas preservando a história institucional ao seguirem os princípios arquivísticos, os quais devem ser mantidos desde a gênese documental. Então, Calderon (2013, p. 93) aponta que “[...] tanto os documentos originados em ambientes eletrônicos como os tradicionais (escritos) devem ser submetidos aos princípios arquivísticos.” Sendo este o motivo dessa pesquisa, por isso a apresentação desses princípios na sessão anterior.

Vale ressaltar a realidade dos Arquivos, a qual pode ser caracterizada por ambientes compostos não só por arquivistas, mas também outros profissionais de áreas administrativas ou afins. Ou até mesmo a ausência do arquivista em alguns casos. Considera-se que para existir a aplicação das técnicas e princípios arquivísticos abordados no decorrer desse texto, é necessário, sobretudo, a presença do arquivista como profissional capacitado para gestão, organização e preservação de documentos digitais, bem como uma equipe que possua literacia digital para auxiliá-lo na execução das atividades no ambiente digital.

A ausência da Literacia Digital de alguns membros de uma equipe de Arquivo pode influenciar diretamente na prática arquivística, seja auxiliando na criação e manutenção de instrumentos de gestão (Plano de Classificação e Tabela de Temporalidade de Documentos) e de pesquisa (inventário, índices, guia e catálogo); na produção, tramitação, consulta, uso e destinação dos documentos; no atendimento ao público interno e/ou externo; na comunicação entre eles (correio eletrônico ou celular), e várias outras funções.

A ideia de que o Arquivo é um espaço que armazena e trabalha somente com documentos em suporte papel é ultrapassada, pois a realidade atual dos Arquivos exige profissionais com competências para utilizar as TI inclusive para serviços sob os documentos físicos ou analógicos. Ao contrário disso, os gestores organizacionais enfrentarão problemas futuros, podendo ser até irreversíveis à memória da instituição.

Dada a importância do aprendizado para operacionalização das tecnologias da informação, ou seja, Literacia Digital, nos Arquivos ainda podem existir pessoas que ainda não a possuam, por isso essa pesquisa propõe-se a investigar.

4 METODOLOGIA

A pesquisa científica é iniciada para solucionar problemas. Torna-se possível encontrar respostas aos questionamentos por meio da utilização de métodos. Oliveira (2011) explica que os métodos científicos levam em consideração o motivo pelo qual o pesquisador decidiu percorrer determinados caminhos em sua pesquisa.

Ainda conforme Oliveira (2011), para construção do conhecimento da pesquisa torna-se pertinente o uso de métodos científicos, os quais a metodologia científica garante mais adequados. Desse modo, a metodologia “[...] refere-se ao estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas.” (OLIVEIRA, 2011, p. 7).

Tão logo, será apresentada a caracterização da pesquisa quanto à natureza, aos objetivos, e à abordagem. E também o universo da pesquisa apontando de modo geral, os arquivos pesquisados, tal como o setor ao qual pertence hierarquicamente, data de fundação, localização, algumas tipologias mais encontradas etc. Logo, será indicada a amostra, na qual foi aplicada a entrevista e os procedimentos de coleta de dados, tanto para a pesquisa bibliográfica como para a de campo.

4.1 Caracterização da Pesquisa

A natureza desta pesquisa foi aplicada, tendo em vista que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35). Nesse caso, consistiu na investigação da ausência ou não da Literacia Digital em três Arquivos, especificamente, considerando a necessidade dessa habilidade nos dias atuais e, principalmente, nestes ambientes.

Baseando-se nos objetivos principal e específicos para estudar os impactos da Literacia Digital para a Arquivologia Contemporânea, conforme a realidade dos Arquivos pesquisados, foi utilizada a pesquisa exploratória e descritiva; conforme Rodrigues (2007), a pesquisa exploratória permite ao investigador conhecer mais o problema, realizar pesquisa bibliográfica, bem como a aplicação de entrevista; já para a pesquisa descritiva, utilizou-se de técnicas

padronizadas de coleta de dados a partir da observação dos fatos sem que haja a interferência do pesquisador.

Enquanto para Danton (2002, p. 10), a pesquisa descritiva: “observa, registra e analisa os fenômenos, sem manipulá-los. É muito utilizada em pesquisas sociais. Procura descobrir a frequência com que o fenômeno ocorre, sua natureza, suas características, sua relação com outros fenômenos.” Por isso, ela se aplicou a essa investigação, tendo em vista que a pesquisa esteve voltada à análise do aprendizado e utilização dos meios tecnológicos por parte dos colaboradores dos Arquivos. Dessa forma, existe um aprofundamento do tema e apresentação das características da população pesquisada através de uma entrevista semiestruturada.

A abordagem utilizada foi a pesquisa quali-quantitativa, a qual como qualitativa estudará os conceitos e visões dos literatos, estando ligada ao “[...] aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno.” (MUSSI et al., 2019, p. 421) Ou seja, ela se associa à interpretação de problemas sociais através dos instrumentos e da teoria para analisar os fenômenos. Por outro lado,

A pesquisa quantitativa pretende e permite a determinação de indicadores e tendências presentes na realidade, ou seja, dados representativos e objetivos, opondo-se à ciência aristotélica, com a desconfiança sistemática das evidências e experiência imediata. Seu eixo central é a materialização físico-numérica no momento da explicação, com uma desvalorização da subjetividade e da individualidade. (MUSSI et al., 2019, p. 418 - 419).

Por isso, essa também apresenta os resultados quantificados em gráficos e/ou tabelas obtidos por meio da entrevista. Enquanto a qualitativa é mais subjetiva e faz análises individuais qualitativas, a quantitativa é o oposto, atendo-se aos dados quantificados.

4.2 Universo da pesquisa

O universo da pesquisa é composto por três Arquivos: Arquivo Técnico da CAGEPA; Arquivos da PBPREV e; Arquivo Corrente e Intermediário da SEAD. Todos os Arquivos do Estado da Paraíba, mas com suas especificidades.

4.2.1 Arquivo Técnico da CAGEPA

A Companhia de Abastecimento de Água e Esgotos da Paraíba (CAGEPA) foi criada por volta do ano de 1972 quando houve a integração das companhias de Saneamento de Campina Grande (SANESA) e Saneamento da Capital (SANECAP), sendo a SANECAP e a CAGEPA para atender o estado. Entretanto, ambas se unificaram na Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (CAGEPA). Sendo ela uma sociedade de economia mista.

O Arquivo Técnico da CAGEPA possui a extensão da natureza setorial de competência da Gerência Executiva de Planejamento e Projetos (GEPP), que tem por objetivo planejar, executar, coordenar, analisar e controlar a elaboração de projetos de água e esgoto referentes aos municípios paraibanos. O acervo surgiu no ano de 1969, com a finalidade de propiciar a custódia, manutenção, tratamento e acesso aos documentos.

O Arquivo Técnico é constituído de variadas tipologias, tais como: projetos básico, estrutural, executivo, elétrico e de automação. E está localizado no bloco 6 da CAGEPA situada na Avenida Feliciano Cirne, núm. 220 do bairro de Jaguaribe em João Pessoa.

4.2.2 Arquivo Central da PBPREV

A instituição está vinculada à Secretaria de Estado do Governo e foi criada por meio da lei estadual nº 7.517/2003, sendo sua competência gerir o Sistema de Previdência Social dos Servidores da Paraíba, com o objetivo de administrar pensões, aposentadorias, reservas remuneradas, reformas e assuntos afins. Essa administração implica na concessão, pagamento e manutenção das atividades que envolvem o regime de previdência do Estado.

A PBPREV possui Arquivos Correntes e Permanentes, sendo administrado pela mesma equipe, onde encontram-se as mais variadas tipologias como Processos de pensão, aposentadoria, ressarcimento; reformas; dossiês de servidores inativos; transferências para a reserva remunerada etc.

O Arquivo Central da PBPREV, foi criado em 2003, com a criação do órgão. O organograma ainda não contempla o Arquivo, porém ele é vinculado à Gerência Previdenciária

(GINF). O Arquivo está situado na Av. Rio Grande do Sul, s/n - Estados, João Pessoa – PB, onde abrangem 5 grandes ambientes na sede do órgão.

4.2.3 Arquivo Corrente e Intermediário da SEAD

A Secretaria de Estado de Administração (SEAD) é um órgão da Administração Direta do Estado da Paraíba, a qual contempla funções direcionadas ao patrimônio do Estado e aos servidores públicos (ativos, inativos, efetivos, prestadores de serviços, concursados e cargos comissionados). A instituição foi criada por meio da lei nº 2.986 de 1963, sendo sua atuação essencial aos interesses públicos. A SEAD, segundo o decreto nº 26.817/2006, no 1º art., é responsável pela coordenação, execução, controle e orientação de processos relacionados aos Recursos Humanos, Tecnologia da Informação, Patrimônio e a Reforma Administrativa do Serviço Público Estadual.

O Arquivo Corrente e Intermediário (ARQCINT) trata-se de um Arquivo Central, vinculado à Gerência Executiva de Gestão de Documentos (GEGDOC) desta Secretaria, que reúne as mais variadas tipologias documentais dos setores como Progressão Funcional e Vertical, Averbação de Tempo de Serviço, Pagamento de Férias, Abono Permanência etc. O ARQCINT foi fundado em 3 de junho de 2015. O Arquivo fica localizado no térreo do prédio da SEAD na Avenida João da Mata, Bairro: Jaguaribe, conhecido como um dos prédios do Centro Administrativo.

4.3 Procedimentos e Instrumentos de coleta de dados

Os procedimentos utilizados foram a pesquisa bibliográfica. Para Danton (2002), a pesquisa bibliográfica deve ser, sobretudo, antecedida em todo tipo de pesquisa. Foram realizadas pesquisas em bases de dados como Brapci, Scielo e Google Acadêmico através dos seguintes termos de busca: “literacia”, “literacia digital”, “literacia digital and arquiv*”, “literacia and arquivologia”, “competência digital” e “grau de literacia digital”, e foram encontrados, por meio de alguns desses termos, e selecionados para este estudo mais de 24 artigos, dissertações e/ou livros.

Nas mesmas bases de dados, foram pesquisados os termos “arq* contemporânea” e “arquivologia contemporânea”, sendo utilizados 13 artigos/dissertações para conhecer mais o tema e desenvolver a segunda seção do trabalho. Contudo, não foi encontrado nenhum tema de Literacia Digital no contexto de Arquivologia ou de Arquivos especificamente, tendo esse tema mais produções voltadas à área da educação, já que ela impulsionou essas discussões.

Através dessa pesquisa literária tornou-se possível observar a escassez de pesquisas acerca da Literacia Digital nos Arquivos e foi necessário pesquisá-las isoladamente para desenvolver a fundamentação teórica. Além disso, outro procedimento técnico utilizado foi a pesquisa de campo, a qual enquadra-se também a pesquisa participante que é quando o pesquisador está inserido e envolvido naquele ambiente a ser pesquisado. Nesse sentido, o pesquisador teorizou o objeto trabalhado para a partir disso mostrar a atual realidade acerca da Literacia Digital nos Arquivos, tendo em vista que ele já esteve ou está inserido naqueles ambientes.

Mais que artigos, dissertações e livros, foi utilizada a entrevista semiestruturada para coletar dados, como já mencionado anteriormente, através dela foi possível compreender a realidade dos colaboradores dos Arquivos pesquisados quanto à Literacia Digital, de modo mais flexível no sentido de poder sair do roteiro pré-estabelecido, sendo necessário. Ademais, esse tipo de entrevista também permite “[...] que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72). Nesse ponto, vale destacar, considerando que a partir dessa liberdade surgiram assuntos que o pesquisador desconhecia, possibilitando uma visão mais ampliada da realidade.

Essa pesquisa foi realizada nos Arquivos Centrais da SEAD e PBPREV e no Setorial da CAGEPA nos seguintes dias.

Tabela 1 – Visitas da pesquisa de campo

ÓRGÃOS	DATAS	ENTREVISTADOS
CAGEPA	18/04/2023	2
PBPREV	29/03/2023	4
	17/04/2023	2
SEAD	09/03/2023	6
	14/03/2023	1
TOTAL	5 (dias)	15

Fonte: Elaboração própria (2023)

Como acima apresentado, essas foram as datas da pesquisa de campo nos Arquivos. Na PBPREV e SEAD foi necessário ir em turnos diferentes para que a pesquisa contemplasse alguns estagiários (já que exercem suas atividades em turnos específicos). Nota-se que a primeira pesquisa nos Arquivos foi iniciada em 9 de março e foi finalizada em 18 de abril. Durante esses dias de pesquisa, foi realizada a entrevista com os colaboradores que estavam disponíveis no momento.

Tabela 2 – Amostra pesquisada

AMOSTRAGEM		
UNIVERSO	AMOSTRA	%
2	2	100,00
7	6	85,71
13	7	53,84

Fonte: Elaboração própria (2023)

Nota-se que nem todos participaram da pesquisa de campo por ter finalizado o contrato de estágio ou não ter iniciado o estágio no período da aplicação da pesquisa na instituição. Mas

a amostra que foi realizada a pesquisa permite a coleta de dados com mais da metade do universo.

A entrevista semiestruturada é composta por 20 questões, que pode variar de acordo com as funções específicas de cada arquivo, sendo dividida em categorias para facilitar a análise de dados, tais como:

- Perfil do entrevistado e mapeamento geral das habilidades digitais;
- Habilidades digitais associadas às funções exercidas no Arquivo;
- A visão do gestor arquivista sobre as competências profissionais e digitais da sua equipe.

Vale ressaltar que a última categoria de perguntas só foi aplicada aos gestores, especificamente, arquivistas. Logo, os demais colaboradores responderam ao que concerne primeira e segunda categorias que totalizam 15 perguntas aproximadamente, mas que podem ser acrescidas conforme a realidade do Arquivo. Na seção seguinte, serão apresentadas pormenorizadamente.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A linha de pesquisa estudada até aqui busca estudar os impactos da Literacia Digital para enfrentar os desafios da Arquivologia contemporânea. É notório que as TI tomaram grande proporção em diversas áreas da vida, principalmente, dentro das unidades de Informação – os arquivos estão inseridos também. Então, através dessa pesquisa foi apresentado a importância da Literacia Digital na contemporaneidade, além disso, através da entrevista será apresentada a análise da realidade dos Arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD acerca da ausência ou não de adquirir/desenvolver a Literacia Digital e, ainda, identifica-se o grau de Literacia Digital nos Arquivos pesquisados.

Como já enfatizado, a abordagem qualitativa foi utilizada no sentido de compreender e interpretar os dados de maneira subjetiva, e a quantitativa, por meio de dados que serão quantificados através de gráficos/tabelas etc. O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada com 20 questões aproximadamente, contando com as perguntas direcionadas aos gestores arquivistas, como mencionado anteriormente. Elas foram divididas em categorias para facilitar a análise dos dados. E elas serão abordadas separadamente.

Para análise desses dados, serão preservadas a identidade dos participantes indicados como participante 1 (P1), participante 2 (P2) etc, sendo 15 participantes distribuídos entre 3 instituições; e os nomes das instituições serão mencionados como Inst. 1, Inst. 2 e Inst. 3.

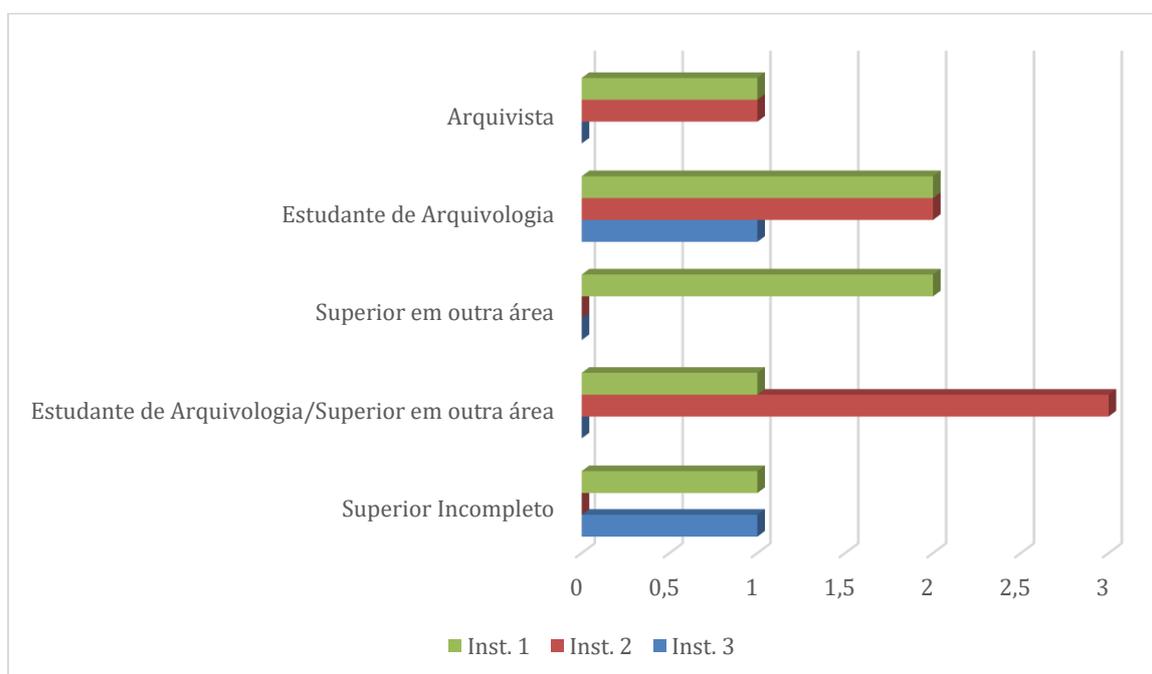
5.1 Perfil do entrevistado e mapeamento geral das habilidades digitais

Essa categoria dedica-se a mostrar os dados referentes ao perfil do entrevistado com a maioria de suas perguntas feitas em caráter de identificação do participante e, por isso preservadas. Sendo enfatizadas perguntas acerca da área de formação para entender como é constituído o quadro de pessoal que compõe os Arquivos e quais competências eles agregam. Ademais, os dados coletados para fins de mapeamento geral das habilidades digitais também serão apresentados, remete-se aos tipos de Literacias Foto-visual, de Reprodução e Socioemocional, segundo o modelo de *Yoham Eshet-Alcali* e *Yair Amichai-Hamburger*, nela contém perguntas básicas sobre as atividades operacionais no computador que podem ser formuladas em vários contextos, para além dos Arquivos.

5.1.1 Perfil do entrevistado

Encaixam-se nessa subcategoria as perguntas iniciais com o intuito de conhecer o perfil do entrevistado relacionadas ao nome, idade, formação e cargo específico na instituição. Considerando que entre essas perguntas, apenas, a formação é relevante para destacar nessa pesquisa. Sobretudo, defende-se a necessidade de arquivistas nos órgãos, tendo em vista que ele é um profissional da informação capacitado durante toda sua formação para utilizar os meios digitais mediante à Arquivologia Contemporânea.

Gráfico 1 – Nível de formação dos participantes de todas as instituições pesquisadas



Fonte: Elaboração própria (2023)

Levando em consideração a preparação do arquivista, nota-se que a **Inst. 1 e 2** possuem pelo menos um profissional com essa formação, porém a **Inst. 3** não possui. Isso não quer dizer, necessariamente, que o pessoal alocado neste Arquivo não possui Literacia Digital, mas que a presença do arquivista poderia impulsionar o alcance dessas competências, ao passo que ele é capacitado para utilizar as TI nas práticas arquivísticas.

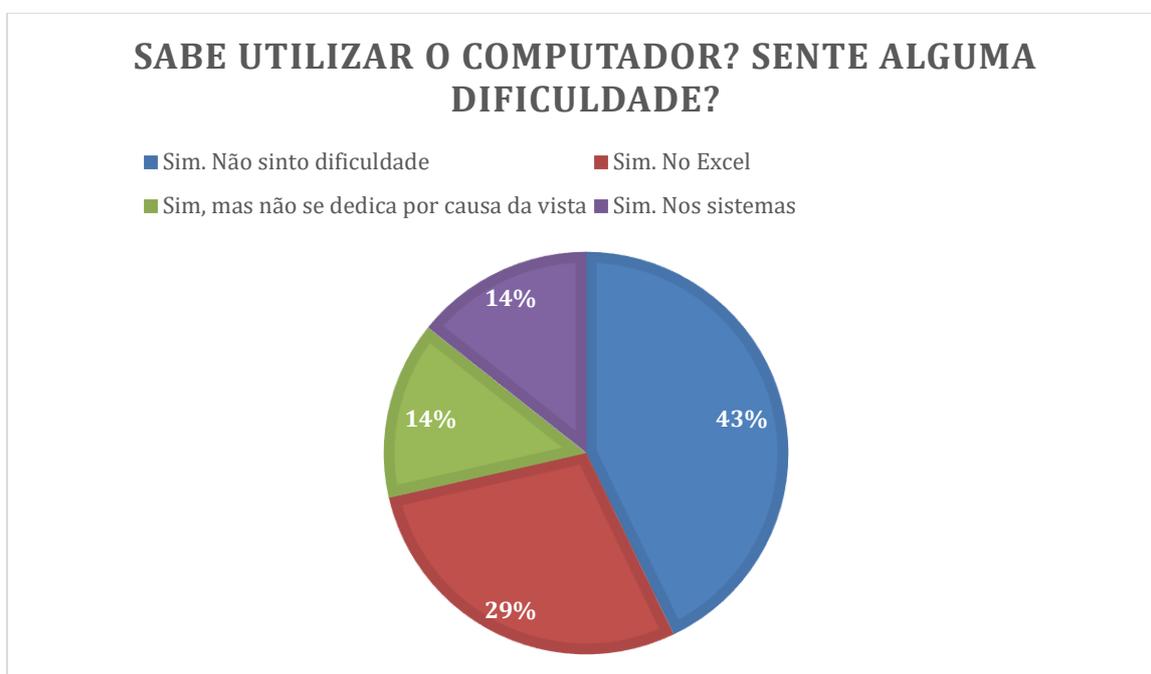
Destaca-se também que a maioria dos participantes são estudantes de Arquivologia, os quais ocupam o cargo de estagiários, alguns tendo a Arquivologia como primeiro curso de nível superior, outros já tendo cursado áreas afins como Biblioteconomia e Ciência da Computação,

especificamente da **Inst. 2**, podendo instigar ainda mais a equipe na busca da Literacia Digital e troca de conhecimentos.

5.1.2 Mapeamento geral das habilidades digitais

Partindo dessa visão geral para a identificação do grau de Literacia Digital, é pertinente saber, sobretudo, se o participante sabe utilizar o computador e se existe alguma dificuldade. Então baseado nisso, serão apresentados os dados a seguir.

Gráfico 2 – O uso de computadores na Inst. 1



Fonte: Elaboração própria (2023)

Vale destacar que os dados obtidos no **Gráfico 2** são referentes aos participantes da **Inst. 1**, tendo em vista que as respostas tiveram mais desdobramentos. Enfatiza-se que as pessoas entrevistadas falaram que sentiam dificuldades, principalmente, no Excel, seja por não ter muita prática ou não ter feito nenhum curso.

O P6 da **Inst. 1** apontou, inclusive, que além das dificuldades do Excel, por não ter se aperfeiçoado, também não acessa os sistemas com facilidade, devido à falta de prática. Os sistemas assumem um papel ativo na **Inst. 1**, logo essa habilidade é primordial para execução

das funções daquele setor. A reprodução baseada no aprendizado, realmente, é essencial para lembrar as técnicas anteriormente ensinadas, independentemente de quais sejam, por isso a Literacia Digital está muito associada à cognição do indivíduo, pois você não conseguirá manusear um computador ou determinada plataforma, sem ter um prévio conhecimento, seja de um curso, um amigo que te ensinou, os ícones que você conhece, a interface que você já abriu etc. A Literacia Digital é adquirida através de conexões e experiências de aprendizado.

E ainda o P3 afirmou que:

“não se dedica por causa da vista.”



Com isso, é apontado uma barreira física, ainda que a pergunta estivesse sendo voltada aos ambientes digitais. E os demais participantes da **Inst. 1** apontaram que sabem utilizar o computador e não sentem dificuldade.

Já os da **Inst. 2**, todos sabem e não sentem dificuldade. Vale ressaltar que o P2 da **Inst. 2** respondeu que:

“lida muito bem com o sistema interno, no entanto o PBDOC não é um sistema muito intuitivo, com exceção de arquivar, mas, sobretudo, de pesquisar um processo há muitas dificuldades, porque o sistema em si tem uma forma de recuperação complexa que envolve muitas informações [...]”

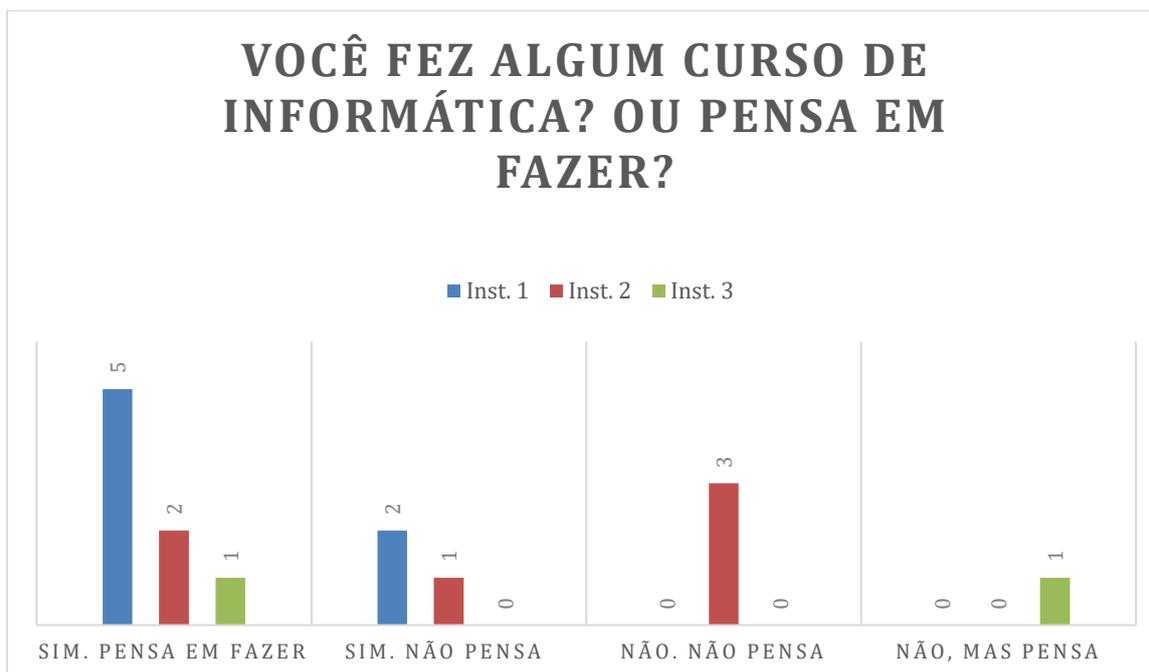


Esse participante destaca uma dificuldade do próprio sistema no desenvolvimento das atividades arquivísticas, inclusive, uma das principais: a recuperação da informação. Não é objetivo desta pesquisa investigar esses fatores, mas é interessante apresentar que além de adquirir Literacia Digital, os profissionais dos Arquivos também lidam com esses desafios que podem impedir ou dificultar a aplicação e o desenvolvimento da Literacia Digital.

Na **Inst. 3**, os participantes responderam que sabem o básico da informática e não sentem dificuldades.

Como consequência dessa pergunta, surgiu a necessidade de saber se os participantes já fizeram algum curso de informática e o que eles pensam acerca desse investimento para o futuro, considerando que trabalham em uma unidade de informação – o Arquivo.

Gráfico 3 – Investimentos passados e futuros na Literacia Digital na Inst. 1, 2 e 3



Fonte: Elaboração própria (2023)

Conforme a leitura do **Gráfico 3**, a maioria dos participantes a **Inst. 1** já fizeram e pensam em fazer algum curso na área da tecnologia, especificamente, Excel avançado. Na **Inst. 2**, a maioria não fez e, infelizmente, não pensa em fazer. Enquanto a **Inst. 3**, metade pensa em fazer um curso e a outra não pensa. Como ressaltou o P1 da **Inst. 1**:

“é sempre bom se atualizar.”



As TI estão em constante evolução e os profissionais da informação precisam estar à frente desses avanços para atender à sociedade.

Outra pergunta feita foi acerca do envio e recebimento de e-mails. O correio eletrônico é um dos meios mais utilizados no computador, principalmente, por ser reconhecido pela lei N° 13.467/2017, como prova documental. O e-mail é um dos meios de comunicação formal de mais uso nos órgãos, pensando nisso é necessário destacar os dados coletados. Na **Inst. 1**, todos responderam que o utilizam com frequência, contudo o P1 apontou que:

“sim, mas está sendo ultimamente mais formal praticamente entrando mais em desuso depois do Whatsapp que é uma forma mais direta mais rápida, porém mais informal.”



E o P3 também apontou não ser muito utilizado. Embora, o Whatsapp ofereça toda essa agilidade que o P1 destacou, o email é um canal de comunicação considerado com valor de prova perante lei e, por este motivo, precisa ser preferencialmente utilizado.

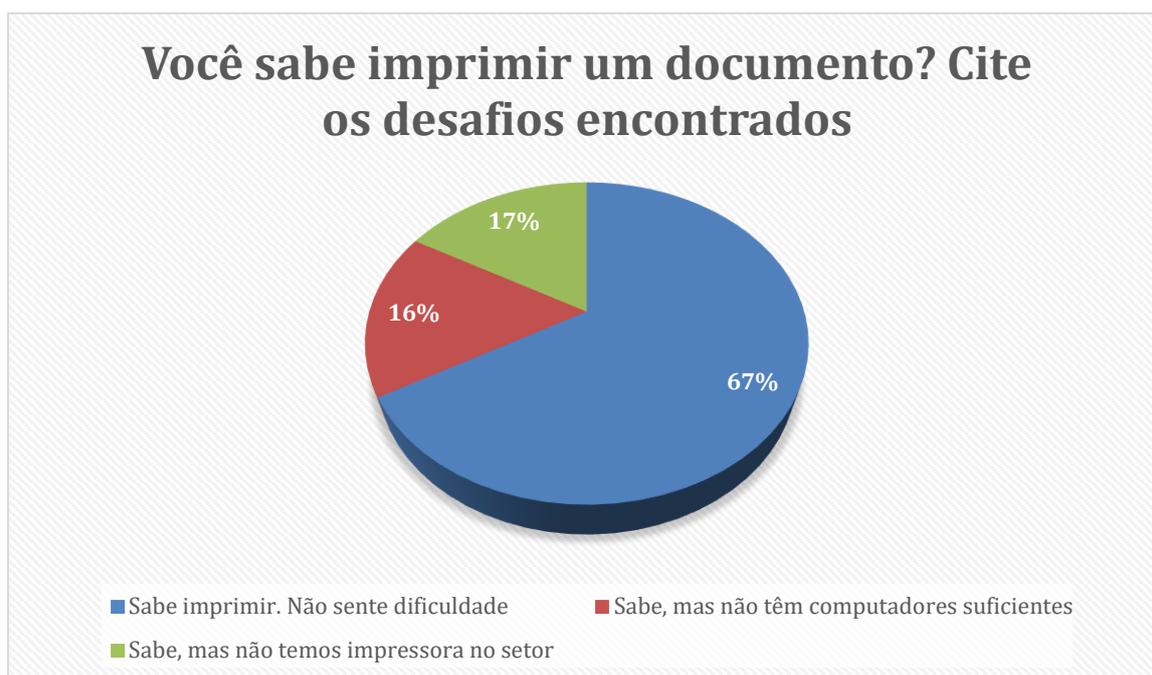
Na **Inst. 2**, 66,6% participantes responderam que sim, porém 33,3% participantes negaram o uso frequente do e-mail no Arquivo, justificando que outros colaboradores ficam incumbidos dessa atividade. Já na **Inst. 3**, todos enviam e recebem e-mails com frequência.

Aproveitando a discussão acerca de comunicação, buscou-se saber se os participantes tinham habilidade em criar grupos e se existia comunicação através deles com a equipe de trabalho. Na **Inst. 1**, todos responderam que sim e justificaram, contudo o comentário do P5 foi que sabe criar grupos, mas que não se comunica através dele, prefere se comunicar pessoalmente. Dada a agilidade que os meios digitais podem nos proporcionar, no que tange a comunicação, esses dados mostram que 14,2% não utiliza a comunicação por meio de grupos/redes sociais com a equipe de trabalho.

Já na **Inst. 2** todos afirmaram utilizar essas funcionalidades. Enquanto na **Inst. 3**, todos sabem criar, mas não se comunicam, uma vez que o setor do Arquivo não tem um grupo próprio. Embora tenham um grupo da gerência, a falta do grupo específico do Arquivo pode ocasionar algumas falhas na comunicação.

Considerando que, em Arquivos, o uso da impressora é frequente, os participantes foram indagados acerca do uso da impressora e se existia algum desafio durante o processo de impressão. Baseado nos dados da **Inst. 1**, apresentaremos o gráfico a seguir.

Gráfico 4 – As dificuldades encontradas na impressão de documentos na Inst. 1



Fonte: Elaboração própria (2023)

Esse gráfico mostra que além dos desafios nos ambientes digitais, a realidade da **Inst. 1**, a qual necessita ser transformada para garantir a Literacia Digital. Ao contrário, não tem como os colaboradores possuírem Literacia Digital sem a aquisição de equipamentos essenciais, comprometendo até mesmo as atividades laborais do Arquivo. Já a **Inst. 2** e **3**, 100% dos participantes afirmaram saber e não sentir dificuldades.

A criação de pastas e a função de copiar e colá-las no desktop também fizeram parte do roteiro de perguntas. Tendo 86% dos participantes, da **Inst. 1**, essas habilidades e o P3 respondeu:

“não sei, copiar e colar eu sei, porque não pratico. Só quando é necessário [...] Só se não tiver ninguém.”

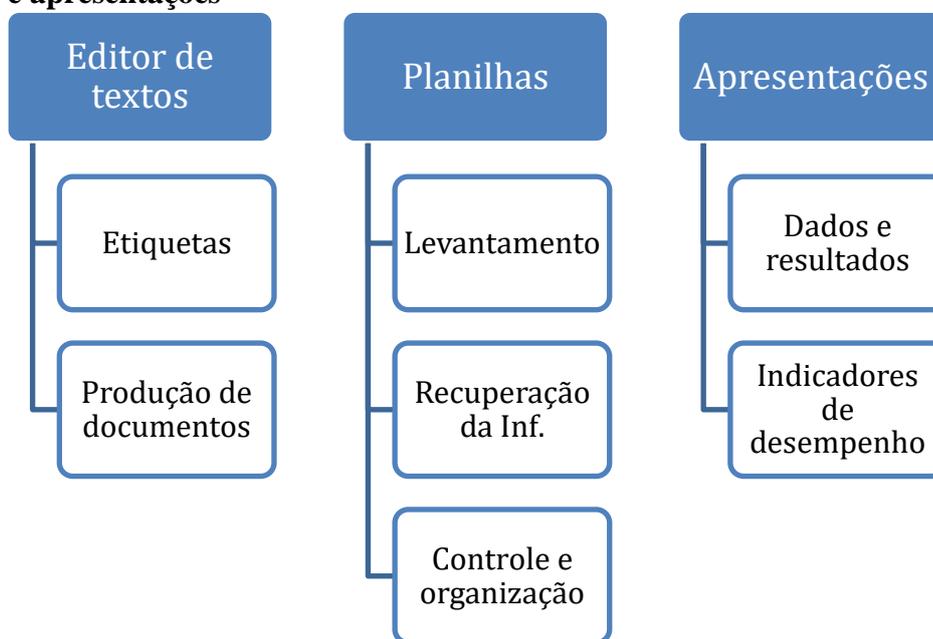


Neste relato, o participante afirma a necessidade de praticar e mostrar uma característica interessante: a de manusear essas funções quando precisa e/ou não tem alguém que faça por ele. Esse é outro ponto que pode ser um empecilho no desenvolvimento da Literacia Digital. Ora, é mais fácil pedir a alguém que saiba fazer, do que aprender. O aprendizado é mais trabalhoso, porém pode transformar as pessoas a nível pessoal e profissional.

Na **Inst. 2**, essa pergunta repercutiu positivamente, 100% da amostra afirmou saber criar e copiar/colar pastas. E na **Inst. 3**, também sabem na sua totalidade.

Além dessas perguntas, também foi preciso entender se os colaboradores sabiam utilizar os editores de texto, planilhas e apresentações, considerados por parte da sociedade aplicativos imprescindíveis. Na **Inst. 1**, 86% utilizam, na **Inst. 2** são 100% dos participantes que sabem, já na **Inst. 3**, metade da amostra utiliza, ou seja, apenas 50%. Nesse contexto, também foi perguntado acerca de quais as contribuições desses softwares para os Arquivos e conforme as respostas das três instituições foram coletados os seguintes dados.

Figura 1 – Atividades arquivísticas que podem ser realizadas nos editores de texto, planilhas e apresentações



Fonte: Elaboração própria (2023)

Esses são alguns exemplos citados pelos respondentes, mas existem diversas atividades nos Arquivos que podem exigir a Literacia Digital nesses softwares. Logo, essa categoria destina-se a conhecer o entrevistado e a função que ele ocupa naquele ambiente, bem como entender as habilidades básicas da informática para a partir disso associar as atribuições às habilidades digitais específicas do setor de Arquivo. Através desses últimos dados, compreende-se que existem muitas funções arquivísticas que necessitam do uso das TI, na próxima categoria, a ênfase será ainda maior, no que diz respeito a perguntas específicas envolvendo algumas atividades arquivísticas e as competências digitais.

5.2 A Literacia Digital associadas às funções exercidas no Arquivo

Diferente da categoria anterior, esta busca compreender como essas habilidades digitais são desenvolvidas nos Arquivos, especificamente. Então, o roteiro de entrevista é constituído por perguntas que caracterizam a realidade de cada Arquivo pesquisado. Vale considerar que algumas perguntas convergem, porém outras divergem, a depender das atividades realizadas. Ressalta-se que essa categoria é subdividida entre os seguintes tópicos: Entendendo a visão dos entrevistados acerca da importância de competências digitais nos Arquivos; Migração e cópias de acesso à informação; Atendimento ao usuário da informação e; Sistemas utilizados. Eles, por sua vez, indicam perguntas voltadas a todos os tipos de Literacia Digital enfatizados pelo modelo de *Yoham Eshet-Alcali e Yair Amichai-Hamburger*.

5.2.1 Entendendo a visão dos entrevistados acerca da importância de competências digitais nos Arquivos

Neste tópico, pretende-se analisar o conhecimento técnico digital que o ambiente de Arquivo precisa, baseado nas atividades arquivísticas e sistemas utilizados nesses Arquivos, em específico. Como introdução desta subcategoria, é necessário entender o que os participantes acham acerca das competências digitais nos Arquivos, se seria necessário tê-las. Os dados coletados na **Inst. 1, 2 e 3** apontam que 100% dos participantes de todos os órgãos pesquisados consideram a importância de colaboradores com essas habilidades nos Arquivos.

Destacando-se as respostas do P4 da **Inst. 1** que respondeu:

“Com certeza. Tem que dominar o mínimo de informação dos instrumentos da área digital para poder fazer as atividades adequadas [...], inclusive, para os documentos físicos. Além do básico, o intermediário, eu recomendo.”



É um ponto de vista muito relevante, no que diz respeito ao uso dos meios digitais não só pela produção de documentos digitais e os sistemas, mas também para os serviços nos “documentos físicos”. As TI permitem várias funcionalidades que facilitam o nosso trabalho, enquanto mais aprende mais domina.

Outra resposta importante para discussão, ainda sobre essa mesma pergunta, é a do P6 da **Inst. 2**:

“Sem dúvida. Hoje em dia sim. Por mais que as atividades no Arquivo sejam muito práticas [...], pode vir a ter necessidade desse profissional de Arquivo ter que utilizar o computador, então, por exemplo, fazer um inventário ou levantamento dos processos ou de uma massa documental. A pessoa pode fazer isso manualmente [...], mas pensando em um armazenamento a longo prazo vai ter que ser registrado em um formato que dure mais tempo, como os arquivos digitais.”



Complementa as colocações anteriores do P4 acerca da contribuição dos meios digitais para os documentos físicos também. Contudo, outro ponto que chamou atenção foi sobre o armazenamento digital a longo prazo, que o P6 considera melhor em comparação a segurança dos documentos físicos, mas essa é uma discussão para outro estudo.

5.2.2 Migração e cópias de acesso à informação

Em contrapartida, outra pergunta surgiu ademais do roteiro, sobre as habilidades de digitalização de documentos e as dificuldades. E o P2 da **Inst. 1** respondeu:

“Sei, não tenho nenhuma dificuldade não, a minha preocupação seria o local de armazenamento dessa digitalização, onde ela iria ficar armazenada, tanto para passar essa documentação caso eu necessite em uma pesquisa futura como a seguridade de onde ela está armazenada.”



Embora, seja uma questão diferente da última pergunta do tópico anterior, suas respostas, em algum momento, condizem ao mesmo assunto, mas com perspectivas distintas quanto ao armazenamento e segurança nos ambientes digitais.

Todos os entrevistados consideram que o profissional que trabalhe no Arquivo precisa ter a habilidade de digitalização, na **Inst. 1, 2 e 3**. Contudo na **Inst. 2**, existe um setor específico para essa atividade e por isso aproximadamente 17% não possuem essa habilidade. Já na **Inst. 1 e 3** todos possuem.

5.2.3 Atendimento ao usuário da informação

Levando para os serviços de atendimento, foram feitas perguntas para conhecer os meios de atendimento ao usuário que eles utilizam, tendo em vista que essa é uma das atividades mais realizadas dentro de Arquivos. Coletamos o seguinte resultado nas instituições.

Tabela 3 – Meios de Atendimento considerados mais ágeis da Inst. 1, 2 e 3

AGILIDADE DOS MEIOS DE ATENDIMENTO			
Meios de atendimento	INSTITUIÇÃO 1 (%)	INSTITUIÇÃO 2 (%)	INSTITUIÇÃO 3 (%)
Email	0,0	0,0	0,0
Pasta da rede	0,0	0,0	0,0
Presencial	28,5	33,3	100
Sistemas	14,2	16,6	0,0
Telefone	14,2	16,6	0,0
Whatsapp	14,2	0,0	0,0
Não se aplica	28,5	33,3	0,0
TOTAL (APROXIMADAMENTE)	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria (2023)

No contexto da **Inst. 1**, as respostas que “não se aplica” são referentes a pessoas que não responderam qual meio de atendimento seria o mais ágil. Nota-se que nas instituições pesquisadas, o maior percentual ou um dos maiores é o atendimento presencial. Com todo avanço tecnológico, esses meios ainda não são tão ágeis quanto o presencial para os participantes da pesquisa. Acredita-se que seja em termos de entender a situação, articular e atender a necessidade do usuário mais rápido devido à presença dele lá. O P6 da **Inst. 1** também cita os casos de usuário alternativo, que é aquele que não sabe o documento que precisa, apenas

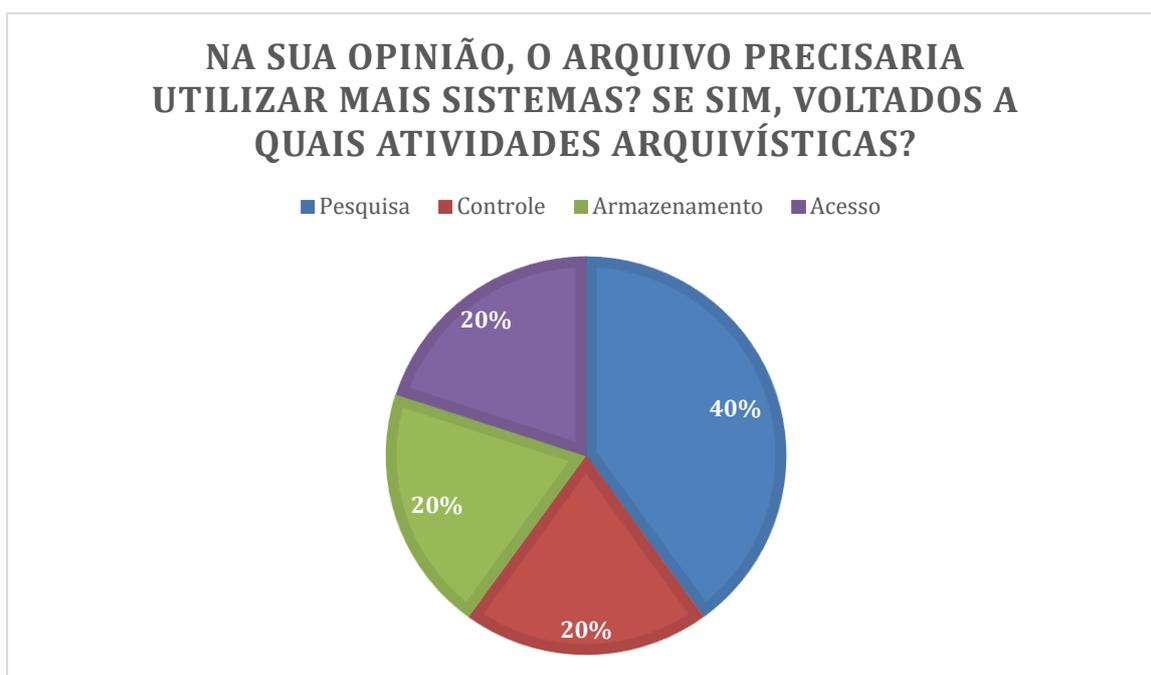
a finalidade pela qual o deseja. E os arquivistas precisam compreender esse contexto para recuperar a informação desejada. Logo, pessoalmente pode facilitar.

Na **Inst. 2**, o termo “não se aplica” diz respeito a uma parcela dos participantes não realiza o atendimento por ele ser destinado aos colaboradores de outro turno, sendo o turno oposto responsável por outras demandas. Outra questão observada é sobre a agilidade que os sistemas não proporcionam. A minoria dos participantes considera os sistemas ágeis na **Inst. 1** e **2**, contudo na **Inst. 3** eles nem utilizam sistemas, posteriormente, será explicado melhor.

5.2.4 Sistemas utilizados

As perguntas relacionadas aos sistemas são específicas de cada órgão. Embora sejam todos estaduais, podem utilizar alguns softwares diferentes. Por exemplo, na **Inst. 3**, o Arquivo não utiliza nenhum sistema, mas no órgão como um todo utilizam o PBDOC e um sistema interno. Na **Inst. 2** também utilizam o PBDOC e um sistema interno, os quais são requisitos para realização das atividades informatizadas do Arquivo, diferente da **Inst. 3**. Já a **Inst. 1** usa três tipos de sistemas: SOP, SESUÍTE e PBDOC.

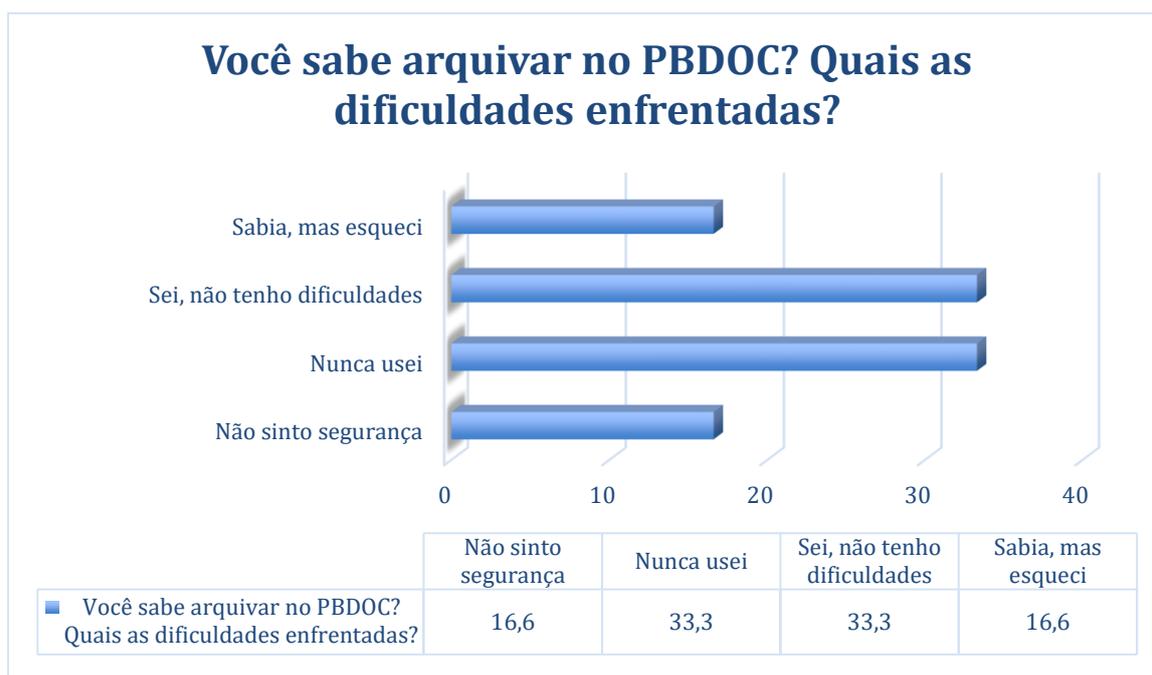
No caso da **Inst. 3**, por não ter sistemas, foi interessante descobrir o que os colaboradores pensam quanto a isso, se sabem arquivar o PBDOC e quais as atividades que um sistema específico atenderia naquele contexto. Infelizmente, o Arquivo, além de estar de fora das atividades do PBDOC, os colaboradores não buscam aprender, por não serem cobrados, como destaca o P2. Já com relação a criação de sistemas que contemple atividades específicas do Arquivo, obteve-se os dados a seguir.

Gráfico 5 – Necessidade das atividades em um suposto sistema para o Arquivo da Inst. 3

Fonte: Elaboração própria (2023)

Através dos dados coletados, pode-se observar que uma das funções que mais têm necessidade seria voltada à pesquisa de documentos feitas pelos colaboradores para recuperar a informação, tendo em vista que existe uma planilha que era utilizada para esse fim, mas passou um tempo sem atualização, prejudicando a localização de documentos. As demais seriam: controle, armazenamento e acesso (no sentido de usuários internos também fazerem uso).

Levando para o contexto da **Inst. 2**, também foi feita a mesma pergunta acerca do arquivamento no PBDOC e, ao contrário da **Inst. 3**, alguns sabem utilizar, mas ainda existe um déficit de Literacia Digital nesse sistema. Vejamos a seguir.

Gráfico 6 – Utilização do PBDOC no Arquivo da Inst. 2

Fonte: Elaboração própria (2023)

Vale ressaltar que os dados foram apresentados em porcentagem. A partir do gráfico, percebe-se que há muita falta de prática nesse sistema por parte da maioria dos colaboradores desse Arquivo, segundo o P2,

“O PBDOC não atende às necessidades do Arquivo [...]”



Por este motivo, eles utilizam mais o sistema interno. Logo, as perguntas se voltaram às atividades do sistema interno, tais como: recebimento, tramitação e localização de processos. E 100% dos entrevistados sabem realizar essas atividades, porém o P6 apontou que:

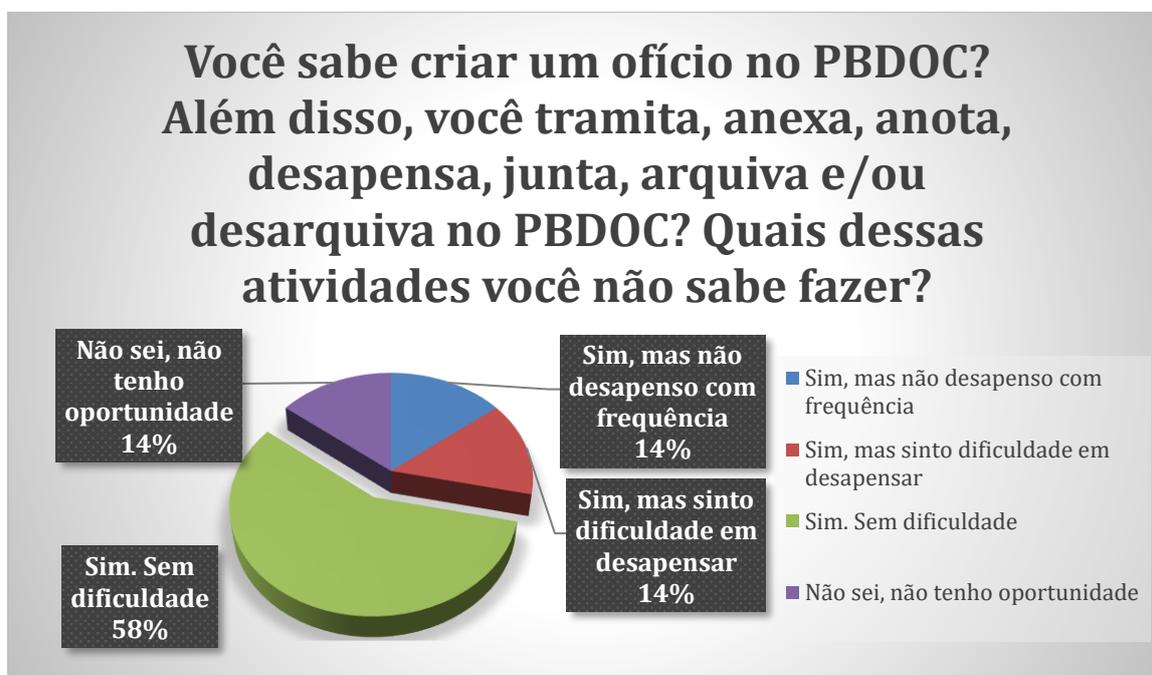
“apesar de que acredito que poderia ter uma configuração a respeito do tamanho de fonte, por exemplo.”



Nesse caso, seria uma falha de acessibilidade do próprio sistema.

Já na **Inst. 1**, o PBD OC é um dos mais utilizados, então foi feita a mesma pergunta acerca do arquivamento, porém acrescentada de outras atividades como criação, tramitação, juntada etc. E quais as dificuldades encontradas. E os dados obtidos serão apresentados abaixo.

Gráfico 7 – Utilização do PBD OC no Arquivo da Inst. 1



Fonte: Elaboração própria (2023)

O **Gráfico 7** mostra que entre as atividades mencionadas do sistema, a que gera mais inquietação é desapensar documentos, isso ocorre por não ser uma atividade muito praticada no arquivo, considerando que essa é uma atividade específica do setor que irá transferir o documento ao Arquivo e não do Arquivo propriamente dito, todavia é necessário dominar, pois em algum momento, essa habilidade pode ser requerida. Outra resposta que pode ser discutida é a do P3, ele relata:

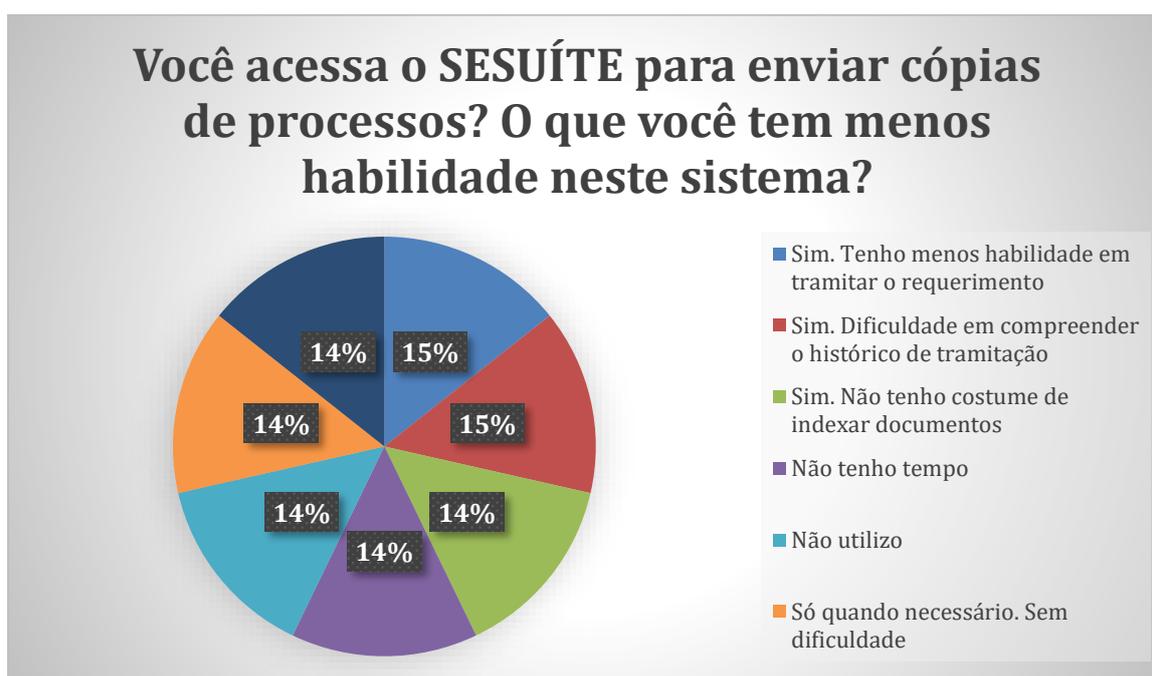
“Não, que eu nunca tenho oportunidade aqui pra nada. Aqui não têm coisas necessárias para se desenvolver. É um computador para dez pessoas.”



A falta de equipamentos também é um fator de impedimento para o alcance e desenvolvimento da Literacia Digital. E, infelizmente, essa pode ser a realidade de muitos órgãos, como já abordado.

Outro sistema utilizado é o SESUÍTE que, no que se refere às atribuições do Arquivo, é um ambiente com a finalidade de armazenar documentos digitalizados e auxilia no acesso à informação, permitindo ao colaborador do Arquivo enviar cópias de processos no sistema e automaticamente ele encaminha ao interessado através do e-mail pré-cadastrado no software. Então, surge a oportunidade de conhecer se os participantes realizam essa atividade de envio e se tem menos habilidade em alguma função.

Gráfico 8 – Utilização do SESUÍTE no Arquivo da Inst. 1



Fonte: Elaboração própria (2023)

A partir do **Gráfico 8**, identifica-se que os participantes tiveram respostas diferenciadas. Isso porque o SESUÍTE é um dos sistemas mais complexos durante o processo de envio de cópias, tendo que considerar variáveis que prolongam e dificultam a realização da atividade, mas que poderiam ser corrigidas. Observa-se que apenas 42,8% dos participantes usam essa plataforma com frequência e são os mesmos que sentem algumas dificuldades, sendo o mesmo quantitativo (42,8%) que não realizam essa atividade e 14,2% utilizam quando necessário. Já acerca das dificuldades no ambiente do sistema, tramitar o requerimento é dificultoso por não haver opções para o setor específico onde está localizado o processo requerido, na maioria das situações. E as demais dificuldades podem ser solucionadas com a prática mesmo, como também com treinamentos.

Discutindo sobre o SOP, perguntou-se também se os participantes possuíam habilidade de consultar e tramitar nesse ambiente. E 85,7% responderam que sabem, mas 14,2% não sabem. Então, foi necessário sair do roteiro para perguntar a quem não sabe se teve algum treinamento no SOP, e o P3 respondeu:

“Fizemos muitos, foram três treinamentos, três ou quatro, inclusive, aqui fazia direto, mas agora parou.”



Acredita-se que por volta do tempo que esse sistema foi implantado, o treinamento foi realizado, pressupondo isso, faz um tempo considerável. O que mais chama atenção nessa resposta é que atualmente não tem treinamento do SOP, conforme a resposta do P3, e isso impede o desenvolvimento da Literacia Digital, tanto da do P3 que deveria ser treinado novamente e ficar praticando para não esquecer, quanto das pessoas que não tiveram acesso ao SOP ainda.

5.3 A visão do gestor arquivista sobre as competências profissionais e digitais da sua equipe

A presente categoria apresentará a perspectiva do gestor, enquanto arquivista, acerca da sua equipe, no que tange a preparação dela frente às TI. E para isso, as perguntas foram associadas às subcategorias que indicam as competências digitais reconhecidas no tempo presente; a reflexão de como adequar a equipe, baseando-se nas lacunas existentes e; as estratégias futuras para o desenvolvimento da Literacia Digital.

5.3.1 Refletindo acerca das competências digitais da equipe no presente

Essa subcategoria está associada a perguntas para o gestor arquivista acerca da sua equipe e as competências digitais que ela possui. Vale ressaltar que a **Inst. 3** tem um coordenador que não é arquivista e também não possui formação superior em outra área. Já a **Inst. 2** e **1**, possuem arquivistas, uma como coordenador e outra como gestor. Por este motivo,

as perguntas foram direcionadas aos gestores das **Inst. 1** e **2**. Buscando conhecer a realidade da equipe, foi questionado se o gestor acha sua equipe capacitada para essa transformação digital.

O P4 da **Inst. 1** respondeu:

“Eu ainda não posso avaliar, porque não tive uma entrevista mesmo com cada um para fazer o nivelamento dessas informações, aí não posso afirmar com propriedade até o momento.”



Já o P2 da **Inst. 2**, afirmou:

“Eu acho que nenhuma equipe é, pode estar e ser capacitada, mas com o avanço tecnológico tão veloz eu considero que a gente nunca vai estar capacitado o suficiente.”



São duas respostas completamente distintas, no caso da **Inst. 1**, o gestor sente dúvidas acerca da sua equipe, por ter iniciado como gestor recentemente. Enquanto na **Inst. 2**, o coordenador afirma que a equipe nunca estará capacitada o suficiente para essa transformação digital e ele está correto em sua fala, contudo essa pergunta instiga o gestor a olhar o presente, a refletir acerca da preparação da sua equipe e o ideal seria que ele não tivesse dúvidas quanto a isso.

5.3.2 Buscando alternativas para adequar a equipe à TI

Posteriormente, indagou-se sobre o que seria necessário para adequação da equipe à TI, segundo o P4 da **Inst. 1**,

“Capacitação; acesso aos equipamentos necessários para manuseio de documentos e a informação em si; e também o interesse da equipe em participar desse processo.”



E o P2 da **Inst. 2** apontou a atenção às tecnologias para o que se faz uso no Arquivo. Todos os apontamentos são necessários para promover a Literacia Digital nos Arquivos. Como vimos em outras respostas, na **Inst. 1** faltam equipamentos e, segundo o P3, a capacitação não

acontece, porém o gestor reconhece que é necessário para adequar sua equipe, inclusive, instigar o interesse de cada membro, mas para isso é imprescindível programas de incentivos. A atenção nos processos informatizados e o acompanhamento dessas atualizações são também fundamentais.

5.3.3 Conhecendo as estratégias futuras para o desenvolvimento da Literacia Digital

A partir disso, surge o questionamento: “Quais as estratégias futuras para implementar a fim de que as pessoas se habituem ainda mais com os meios digitais?” O P4 da **Inst. 1**, respondeu:

“A curto prazo: mapeamento das atividades e repassar conhecimentos. E a médio prazo: proporcionar condições laborais de estrutura, bem-estar e motivação.”



Enquanto o P2 da **Inst. 2** afirmou que seria:

“Se projetar melhor para dominar as Tecnologias da Informação e tê-las como pré-requisito no Arquivo.”



A primeira resposta complementa diretamente à anterior do mesmo participante, ao pontuar troca de conhecimentos, bem como equipamentos necessários e ao mesmo tempo incentivar a equipe para que a Literacia Digital seja adquirida; e a última apresenta o que deveria ser obrigatório para todo Arquivo – o domínio das Tecnologias da Informação como pré-requisito para lotação em Arquivos.

Partindo desse pensamento, entrou no roteiro uma pergunta a respeito de ter sido designado ao Arquivo algum servidor que não possuía habilidades digitais, sendo o motivo principal da sua lotação. Na **Inst. 2** o coordenador respondeu que não, mas na **Inst. 1**, essa pergunta foi feita ao gerente operacional, cuja resposta foi de já ter acontecido, porque grande parte do acervo é em suporte papel. Essa resposta mostra que algumas pessoas ainda consideram que um colaborador que não tenha Literacia Digital pode atuar nos Arquivos, contudo até

mesmo sob os documentos “físicos” são utilizados serviços digitais, seja para acesso, recuperação, controle de documentos e várias outras funcionalidades.

5.4 Grau e os impactos da Literacia Digital nos Arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD

Nesse tópico serão identificados o grau de Literacia Digital, bem como os impactos que ela traz, baseado nas respostas apontadas pelos participantes.

5.4.1 Grau de Literacia Digital

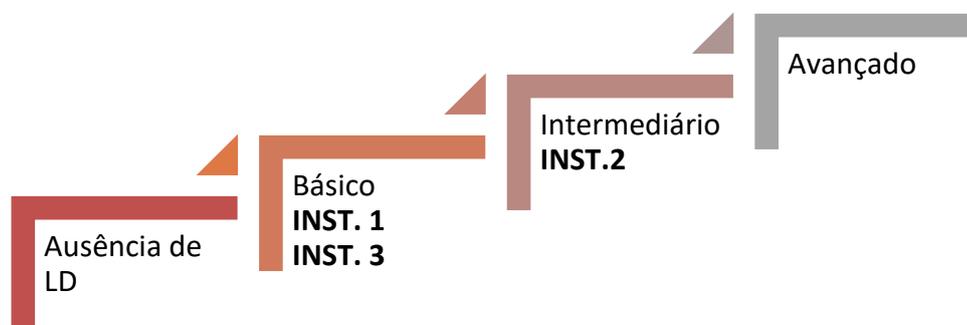
Através da entrevista e os dados coletados, conforme suas respectivas categorias, é possível avaliar o grau de Literacia Digital desses órgãos. Vale salientar que para desenvolvimento dessa pesquisa, considerou-se os graus:

- Ausência de Literacia Digital;
- Básico;
- Intermediário;
- Avançado.

Entende-se que corresponde aos graus mencionados a **Ausência de Literacia Digital** que é quando a equipe não a adquiriu ainda em sua totalidade. O grau **Básico** caracteriza-se quando os colaboradores de Arquivo possuem a Literacia Digital, mas ainda existem muitas lacunas internas e externas que impossibilitam que a desenvolvam. O **Intermediário** é considerado o grau em que a equipe desenvolveu a Literacia Digital e domina as TI para as atividades arquivísticas, sendo suas dúvidas as mínimas possíveis. E por último o grau **Avançado** que diz respeito a uma equipe que não só sabe utilizar os meios digitais ao que lhe compete, mas, mais que isso, ela é incentivada e busca investir em aprendizado e possui membros com formação em TI, sendo este conhecimento utilizado para construção de softwares, banco de dados e outros recursos da área atrelados às práticas arquivísticas, caracterizando-se, desta forma, como uma equipe responsável pela inovação.

Nesse sentido, essa classificação resulta no grau de Literacia Digital dos Arquivos, conforme as Instituições pesquisadas, apresentadas no gráfico a seguir.

Figura 2 – Grau de Literacia Digital dos Arquivos das Inst. 1, 2 e 3



Fonte: Elaboração própria (2023)

A **Inst. 1** possui o grau básico pelos motivos de que alguns sentem dificuldade no Excel, também existem poucos equipamentos no Arquivo, além de existir colaboradores que sentem dificuldades nos sistemas apontando ser por questão de prática mesmo, e ainda, a falta de treinamentos em alguns sistemas. Acredita-se também que essas lacunas devem se inserir como prioridade para o gerente atual. Embora suas propostas sejam essenciais e bem colocadas, elas deveriam ser implementadas o mais rápido possível.

Na **Inst. 2**, existem muitos colaboradores que não pensam no investimento de cursos, a maioria inclusive. Embora dominem o sistema interno, não tem a mesma desenvoltura no PBDOC. Observou-se que ainda existe muita insegurança devido à falta de prática pelo sistema não atender suas necessidades, como o sistema interno atende, sendo ele o mais usado e todos têm domínio dele. Considera-se que as falhas destacadas seriam do próprio PBDOC, o qual poderia ser adequado à realidade do Arquivo. Por isso, a **Inst. 2** tem o grau intermediário.

Já na **Inst. 3**, o grau também é o básico, considerando que parte dos colaboradores demonstrou saber apenas o que é cobrado. É interessante essa colocação, pois é necessário aprender o que lhe compete, entretanto não é possível descobrir outras funcionalidades que podem facilitar o trabalho. Sendo assim, é preferível investir além do cobrado para desenvolver seu Arquivo. Outro aspecto que podemos destacar é a ausência de sistemas no Arquivo, nem mesmo o PBDOC é utilizado para as atividades do Arquivo, ainda que contemple o órgão inteiro. Ademais, também seria necessário repensar acerca de maneiras que facilitem a comunicação entre a equipe que trabalha no Arquivo, especificamente, através dos meios

digitais. Ainda vale ressaltar a falta de um arquivista, possibilitando mais dificuldade de desenvolvimento aos seus colaboradores, no que tange à Literacia Digital.

5.4.2 Os impactos da Literacia Digital nos Arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD

Segundo os dados coletados da entrevista também foi possível observar alguns impactos que a Literacia Digital abrange nos Arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD. Como apontado a seguir.

Figura 3 – Os impactos da Literacia Digital nos arquivos pesquisados



Fonte: Elaboração própria (2023)

Os impactos da Literacia Digital nesses Arquivos, como a Figura 3 apresenta são: na **Cultura Organizacional**, pois existe uma ruptura nas atividades que os colaboradores, das instituições como um todo, estão habituados a realizarem; **Comunicação**, pois a Literacia Digital permite inclusão e os meios de comunicação possibilitam mais agilidade; **Tratamento Arquivístico**, considerando que as técnicas da área são aprimoradas a cada dia; **Acesso à**

Informação, já que as plataformas mudaram e as informações são prestadas com mais agilidade; **Mudança da Infraestrutura**, partindo da visão de que investir na Literacia Digital exige melhores condições de equipamentos e ambientais; **Visão Estratégica**, tendo em vista que deve existir planejamentos e projetos, implementação e acompanhamento deles e ainda aplicação de ferramentas de melhoria contínua; E ainda, **Incentivo e Motivação**, o que implica investir em cursos de qualificações, treinamentos, palestras etc.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Arquivos possuem como funções: tratar, gerir, organizar e preservar, independente do suporte em que a informação esteja registrada. Na atualidade, a maioria dos documentos recém-produzidos são criados no ambiente digital e os colaboradores dos Arquivos precisam estar capacitados para realizar suas atividades com o auxílio das TI, seja sob os documentos digitais, como também serviços aplicados aos documentos em suporte físico. Vale destacar que o arquivista é o profissional preparado para implementar suas técnicas arquivísticas em qualquer suporte, inclusive, no digital, tendo em vista que em sua formação ele é instruído para isso e possui as competências necessárias.

Considerando esse contexto e a realidade de que podem existir algumas pessoas que não sabem realizar algumas funcionalidades no ambiente digital, apesar de que seja necessário na organização da qual faz parte, desenvolveu-se essa pesquisa. Este trabalho, então, estudou os impactos da Literacia Digital para a Arquivologia Contemporânea, principalmente, nas práticas arquivísticas, baseando-se nos dados dos respondentes, encontraram-se muitas áreas que são impactadas dentro dos Arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD.

Como resposta do primeiro objetivo específico, foi apresentado que, baseado em estudos literários, a Arquivologia e a Literacia Digital na contemporaneidade estão, intrinsecamente, relacionadas e se complementam no contexto dos Arquivos, devido à grande produção de documentos digitais torna-se necessário que os colaboradores tenham habilidades digitais, considerando que o Arquivo não é só composto por arquivistas, mas também por profissionais de outras áreas. A falta de arquivista em um Arquivo não está ligada à ausência de Literacia Digital, mas o arquivista pode proporcionar o desenvolvimento da Literacia Digital nos Arquivos, cujo ambiente deveria ser direcionado ao tratamento arquivístico, também no contexto digital, no qual ele domina.

Em um Arquivo que não possui Literacia Digital ou que não a desenvolve fica impossibilitado de realizar projetos que viabilizem otimizar seu trabalho. A partir da entrevista realizada, foi possível perceber o quanto a Literacia Digital auxilia nas atividades arquivísticas, assim como os entrevistados reconheceram essa importância. Ela se tornou essencial na prática arquivística e a compreensão dessa importância é um passo inicial para desenvolver a Literacia Digital nos Arquivos.

Para o segundo objetivo específico, analisou-se a realidade dos Arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD através dos dados coletados, mostrando os motivos reais que causam a falta

de desenvolvimento da Literacia Digital. Podendo ser por fatores externos, no sentido de não ser individual, como falta de equipamentos, de incentivo e treinamentos. Ou fatores internos: falta de tempo, investimento em curso, praticar mais etc. São vários aspectos que podem influenciar a aplicação da Literacia Digital nestes Arquivos, como discutidos na seção anterior.

Além disso, a pesquisa possibilitou atingir o último objetivo que foi caracterizar o grau de Literacia Digital, tais como: a ausência da Literacia Digital, básico, intermediário e avançado. Então, considera-se que a **Inst. 1** e **3** possuem o grau básico e a **Inst. 2** o intermediário. Acredita-se que os Arquivos, para aprimorar seus serviços digitais, devem ter mais que o grau básico, mas o intermediário, assim como a **Inst. 2**, contudo as demais instituições podem desenvolver a Literacia Digital.

No caso da **Inst. 1**, investir nos projetos mencionados na entrevista, enquanto a **Inst. 3** precisaria instigar a presença de pelo menos um arquivista para criação de projetos que visem à Literacia Digital, este seria o passo inicial. Não implica dizer que a **Inst. 2** não precisa investir na Literacia Digital, pelo contrário, ela pode se aprimorar cada vez mais, como forma de manter o grau da Literacia Digital ou até mesmo progredir, isso só trará benefícios para o Arquivo e também para os colaboradores ao adquirirem mais habilidades digitais.

Vale enfatizar que há uma complexidade de identificar o grau de aprendizado de alguém, independente da área que seja, neste caso a Literacia Digital nos Arquivos, contudo foi mensurado e interpretado os dados coletados dos participantes para, a partir disso, identificar em qual grau ele seria inserido conforme aquele contexto de resposta.

Inicialmente, uma das maiores dificuldades foi a falta de estudos na literatura que associassem à Literacia Digital aos Arquivos, embora sejam indissociáveis, principalmente, na contemporaneidade. Encontrou-se grande parte de obras referentes à educação, sendo a área que a Literacia Digital é mais discutida. Durante a aplicação da entrevista, alguns colaboradores não puderam participar, seja por ter se aposentado, o contrato de estágio ter finalizado ou ainda nem ter iniciado o estágio, por este motivo, a pesquisa foi realizada através de uma amostragem, considerando essas limitações.

Esse trabalho apresenta tanto as discussões acerca da Literacia Digital, quanto a trajetória da Arquivologia, enquanto ciência, até os dias atuais. Estando ela ligada diretamente à Sociedade da Informação e tendo como objeto de estudo a informação. Destarte, acredita-se que essa pesquisa irá contribuir bastante para a construção e desenvolvimento de outros trabalhos científicos, bem como desdobramentos futuros desta pesquisa, tendo em vista que na

literatura não existe nenhuma produção que trabalhe a Literacia Digital nos Arquivos, como unidades de informação que são.

Além disso, foi relevante para conhecer não só como está o desenvolvimento dos colaboradores dos Arquivos da CAGEPA, PBPREV e SEAD quanto à Literacia Digital, como também entender o que os colaboradores pensam acerca disso ou até mesmo instigá-los a essa reflexão. Com isso, provocou-se os gestores a pensarem, estrategicamente, em alternativas futuras que visem promover a Literacia Digital nestes Arquivos. Não só eles, mas acredita-se que toda a comunidade acadêmica ao acessarem esse estudo.

Ainda nesse século e com o avanço da TI torna-se necessário repensar acerca das técnicas arquivísticas, não como um aspecto negativo, mas sim com o pensamento de aprimorar os serviços utilizando os meios informatizados ao próprio benefício. O que não implica em esquecer os princípios arquivísticos, contudo considerá-los basilares para o desenvolvimento dos serviços arquivísticos digitais.

Portanto, é necessário realizar mais pesquisas como esta na literatura arquivística, pois ela possibilita a troca de conhecimentos e experiências, considerando a teoria, bem como a prática arquivística, sendo essencial para compreensão da realidade arquivística, atualmente. Não só como ciência, mas também através das perspectivas dos próprios Arquivos, quanto ambientes que tratam, gerenciam, organizam e preservam os documentos arquivísticos, independente do suporte documental.

REFERÊNCIAS

AIRES, Luísa. **Literacias Digitais**: texto orientador. Repositório Aberto, Curso de formação para a docência online, mód. 1, jan. 2015. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6017/1/Literacias%20Digitais_Texto_Orientador_VF.pdf. Acesso em: 8 de fev. de 2022.

ÁVILA, Rodrigo Fortes de. **Além do que se vê**: o uso e o pós-uso da Informação Orgânica Arquivística. Brasília: UNB, dissertação de mestrado, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2133/1887>. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

ANDRADE, Wendia Oliveira de; NEVES, Dulce Amélia de Brito; SOUZA, Edivanio Duarte de. **A informação na Arquivologia contemporânea**: indícios do processo de tradução conceitual interdisciplinar. Londrina: ENANCIB - XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/124645>. Acesso em: 4 de mai. de 2022.

ANDRADE, Wendia Oliveira de. **O conceito de informação na Arquivologia Contemporânea**: da tradução conceitual à delimitação do objeto de estudo na produção científica brasileira. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, tese de doutorado, mar., 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18890/4/WendiaOliveiraDeAndrade_Tese.pdf. Acesso em 19 de dez. de 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Epistemologia da Arquivologia: fundamentos e tendências contemporâneas. Brasília: **Ci. Inf.**, v. 42 n. 1, p. 50-63 jan./abr., 2013. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1394/1572>. Acesso em: 20 de set. de 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da Arquivologia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 37, p. 61-82, mai./ago., 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/42928>. Acesso em: 29 de nov. de 2022.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **O arquivista na sociedade contemporânea**. In: BELLOTTO, H. L. Arquivos permanentes: tratamento documental. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p. 299-306. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/texto01.pdf>. Acesso em: 7 de mar. de 2022.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos, entre tradição e modernidade**: novas concepções do contexto arquivístico. XI Congresso de Arquivologia do Mercosul [recurso eletrônico] / organização Ana Célia Navarro de Andrade; Associação de Arquivistas de São Paulo.

São Paulo: ARQ-SP, 2017. Disponível em: https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/XI-CAM-VOL.-1_e-book.pdf. Acesso em: 25 de ago. de 2022.

CALDERON, Wilmara Rofrigues. **O arquivo e a informação arquivística: da literatura científica à prática pedagógica no Brasil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109305/ISBN9788579834868.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 de mai. de 2022.

CAPOBIANCO, Lígia. **Comunicação e Literacia Digital na internet: estudo etnográfico e análise exploratória de dados do Programa de Inclusão Digital ACESSA-SP – PONLINE**. São Paulo: Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-16062010-110410/publico/LITERACIADIGITALECOMUNICACAO.pdf>. Acesso: 6 de fev. de 2023.

COSTA, Alex de Oliveira; RONCAGLIO, Cynthia. **Diálogos entre as vertentes clássica, moderna e contemporânea da Arquivologia**. Porto Alegre: Em Questão, v. 26, n. 2, p. 355-386, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/140152>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

DANTON, Gian. **Metodologia Científica**. Pará de Minas: Virtual Books Online, 2002. Disponível em: <https://xoomer.virgilio.it/leonildoc/pdf/metodo1.pdf>. Acesso em: 9 de jan. de 2023.

EUROCID. **Dia Internacional da Literacia**. 2022. Disponível em: <https://eurocid.mne.gov.pt/eventos/dia-internacional-da-literacia#:~:text=O%20Dia%20Internacional%20da%20Literacia,%2D%20indiv%C3%ADduos%2C%20comunidades%20e%20sociedades>. Acesso em: 28 de fev. de 2023.

ESHET-ALKALAI, Yoham; AMICHAI-HAMBURGER, Yair. **Experiments in Digital Literacy**. Israel: CyberPsychology & Behavior, v. 7, n. 4, p. 221-429, 2004. Disponível em: http://www.openu.ac.il/Personal_sites/download/eshet&Amichai2004.pdf. Acesso em: 13 de fev. de 2023.

FREITAS, Maria Cristina Vieira de. **Arquivologia custodial ou pós custodial? Eis a questão?** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017, p. 13-42. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/j3pqj/pdf/jorente-9788579839047-03.pdf>. Acesso em: 26 de dez. de 2022.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806?locale-attribute=pt_BR&locale=en. Acesso em: 11 de fev. de 2022.

GIL, Henrique. **A Literacia Digital e as Competências Digitais para a Infoinclusão:** por uma inclusão digital e social dos mais idosos. RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning, vol. 2, mar. 2019. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/8103/1/p.%2079-96.pdf>. Acesso em: 8 de fev. de 2022.

JARDIM, José Maria. **As novas tecnologias da informação e o futuro dos arquivos.** Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992, p. 251-260. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1942/1081>. Acesso em 15 de mai. de 2022.

JESUS, Guilherme dos Santos Andrade de et al. **Estudo de caso Literacia Digital:** aplicação na escolha profissional. São Paulo: Revista Gestão em Foco, Ed. 9, 2017. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/050_estudo3.pdf. Acesso em: 8 de fev. de 2022.

LOUREIRO, Ana; ROCHA, Dina. **Literacia Digital e Literacia da Informação:** competências de uma era digital. Portugal: EDUCA2012 - II Congresso Internacional TIC e Educação, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, p. 2726 - 2738, 2012. Disponível em: https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/758/1/artigo-ticeduca2012_ana%26dina_final.pdf. Acesso em: 6 de jan. de 2022.

LOUSADA, Mariana; VALENTIM, Marta Ligia Pomim. **Informação orgânica como insumo estratégico para a tomada de decisão em ambientes competitivos estudo nas empresas do setor varejista situadas na cidade de Marília/SP.** Marília: Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v. 5 n. 1, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/156448#:~:text=informa%C3%A7%C3%A3o%20org%C3%A2nica%20%C3%A9%20um%20conjunto,atividades%20e%20fun%C3%A7%C3%B5es%20da%20organiza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 26 de dez. de 2022.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas et al. **Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa:** distanciamentos, aproximações e possibilidades. Rio de Janeiro: Revista SUSTINERE, v. 7, p. 414-430, jul-dez, 2019. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8ac9/f5d8fbd44ab24a31ab2ceaaede3143fdee19.pdf>. Acesso em 28 de fev. de 2023.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica:** um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 72 p., 2011. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf. Acesso em: 10 de jan. de 2023.

OLIVEIRA, Michele Mezari; GIACOMAZZO, Graziela Fatima. **Educação e cidadania:** perspectivas da literacia digital crítica. São Paulo: EccoS, n. 43, p. 153-174, maio/ago. 2017.

Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/7393/3536>. Acesso em: 14 de fev. de 2022.

PARAÍBA (Estado). **Decreto nº 26.817, de 02 de fevereiro de 2006**: Dispõe sobre a Estrutura Organizacional Básica da Secretaria de Estado da Administração – SEAD e dá outras providências. Paraíba: Diário Oficial, nº 13.145, 3 de fev. de 2006. Disponível: http://static.paraiba.pb.gov.br/diariooficial_old/diariooficial030206.pdf. Acesso em: 15 de fev. de 2023.

PEREIRA, Luís Miguel Gonçalves. **Conceções de literacia digital nas políticas públicas**: estudo a partir do Plano Tecnológico da Educação. Portugal: Universidade de Minho, tese de doutorado, dez. 2011. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/19825/1/Lu%c3%ads%20Miguel%20Gon%c3%a7alves%20Pereira.pdf>. Acesso em: 8 de fev. de 2022.

RAMOS, Altina; FARIA, Paulo. **Literacia Digital e Literacia Informacional**: breve análise dos conceitos a partir de uma revisão sistemática de literatura. Florianópolis: v. 13, n. 02, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/33648/1/Literacia%20informacional-%20breve%20an%c3%a1lise%20dos%20conceitos%20a%20partir%20de%20uma%20revis%c3%a3o%20sistem%c3%a1tica%20de%20literatura.pdf>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**. Paracampi: FAETEC/IST, 2007. Disponível em: http://pesquisaeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/64878127/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf. Acesso em: 29 de dez. de 2022.

SANTOS, Eliete Correia dos. **Uma proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos**: nas fronteiras do projeto SESA. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, tese de doutorado, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6432/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 25 de fev. de 2022.

SANTOS, Rita; AZEVEDO, José; PEDRO, Luís. **Literacia(s) digital(ais)**: definições, perspectivas e desafios. Portugal: Impactum - Imprensa da Universidade de Coimbra, vol. 15, n.27, 2015. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_27_1/2721. Acesso em: 8 de fev. de 2022.

SILVA, Armando Malheiro da. **Inclusão Digital e Literacia Informacional em Ciência da Informação**. Portugal: Prisma.com, n. 7, p. 16-43, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/87344>. Acesso em: 2 de fev. de 2022.

SILVA, Simone Assis Alves da; CARDOSO, Ana Maria Pereira. **Literacia informacional: uma revisão sistemática de literatura.** Campinas: RDBCI - Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 18, n. 00, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8660680/23047>. Acesso em: 14 de fev. de 2022.

SOARES, Ana Paula Alves; PINTO, Adilson Luíz; SILVA, Armando Malheiro da. **O paradigma pós-custodial na Arquivística.** Portugal: PÁGINAS a&b, n. 4, p. 22-39, 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/82981/2/109044.pdf#:~:text=O%20paradigma%20p%C3%B3s-custodial%2C%20emergente%20no%20final%20do%20s%C3%A9culo,o%20documento%20de%20arquivo%2C%20mas%20sim%20a%20informa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 25 de ago. de 2022.

TOGNOLI, Natália Bolfarini. **A arquivística funcional e sua contribuição para o desenvolvimento de uma disciplina contemporânea.** Florianópolis: Ágora, v. 22, n. 44, p. 19-35, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115429/ISSN01033557-2012-22-44-19-35.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 de mai. de 2022.

TOGNOLI, Natália Bolfarini. **A contribuição epistemológica canadense para a construção da arquivística contemporânea.** Marília: Universidade Estadual Paulista, dissertação de mestrado, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93669/tognoli_nb_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 4 de mai. de 2022.

UNESCO (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). **The Plurality of literacy and its Implications for Policies and Programmes.** 2004. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization 7, place de Fontenoy, 75352 PARIS 07 SP. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001362/136246e.pdf>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

UNESCO. **Teacher training curricula for media and information literacy.** Paris (Report of the International Expert Group Meeting UNESCO House, Paris, 2008). Disponível em: <https://milobs.pt/wp-content/uploads/2021/11/Teacher-Training-Curricula-for-Media-and-Information-Literacy.pdf>. Acesso em: 27 de abr. de 2022.

VIEIRA, Tiago de Oliveira; BITTENCOURT, Paola Rodrigues; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de. **Perspectivas de uma Literacia Arquivística: reflexões sobre arquivos, mediação e usuários.** Brasília: v. 12, n. 2, p. 385-404, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/17159/21346>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

INSTITUIÇÃO 1

Perfil do entrevistado e mapeamento geral das habilidades digitais

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual a sua escolaridade/formação?
- 3) Qual o seu cargo?
- 4) Você sabe utilizar o computador? Quais as dificuldades que você enfrenta?
- 5) Você fez algum curso de informática? Ou pensa em fazer?
- 6) Você recebe/envia e-mails?
- 7) Você sabe imprimir um documento? Cite os desafios encontrados.
- 8) Você cria pasta de arquivos no desktop? Se sim, você sabe copiar/colar em pendrives ou CDs ou outras pastas desejadas?

Habilidades digitais associadas às funções exercidas no Arquivo

- 9) Na sua opinião, um colaborador que trabalhe em um Arquivo precisa utilizar computador/celular? Por quê?
- 10) Você sabe criar grupos e/ou se comunica com sua equipe de trabalho através dele?
- 11) Você sabe digitalizar documentos? Para você essa habilidade é importante para o Arquivo?
- 12) Quais os meios de atendimento ao usuário que você utiliza? Na sua opinião, qual é o mais ágil e preciso?
- 13) Você acessa o SESUÍTE para enviar cópias de processos? O que você tem menos habilidade neste sistema?
- 14) Você sabe criar um ofício no PBDOC? Além disso, você tramita, anexa, anota, despensa, junta, arquivar e/ou desarquivar no PBDOC? Quais dessas atividades você não sabe fazer?
- 15) No CODATA você sabe consultar e tramitar processos?
- 16) Você usa editores de texto, planilhas e apresentações? O que eles podem agregar para o Arquivo na sua opinião?

A visão do gestor arquivista sobre as competências profissionais e digitais da sua equipe

- 16) Você acha a sua equipe capacitada para a transformação digital?
- 17) Algum servidor já foi lotado neste Arquivo porque não tem competências digitais?
- 18) O que é necessário para adequar sua equipe às Tecnologias da Informação?
- 19) Na sua opinião, qual é o papel do arquivista nesse contexto digital?
- 20) Quais as estratégias futuras para implementar a fim de que as pessoas de habituem ainda mais com os meios digitais?

INSTITUIÇÃO 2

Perfil do entrevistado e mapeamento geral das habilidades digitais

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual a sua escolaridade/formação?
- 3) Qual o seu cargo?
- 4) Você sabe utilizar o computador? Quais as dificuldades que você enfrenta?
- 5) Você fez algum curso de informática? Ou pensa em fazer?
- 6) Você recebe/envia e-mails?
- 7) Você sabe imprimir um documento? Cite os desafios encontrados.
- 8) Você cria pasta de arquivos no desktop? Se sim, você sabe copiar/colar em pendrives ou CDs ou outras pastas desejadas?

Habilidades digitais associadas às funções exercidas no Arquivo

- 9) Na sua opinião, um colaborador que trabalhe em um Arquivo precisa utilizar computador/celular? Por quê?
- 10) Você sabe criar grupos e/ou se comunica com sua equipe de trabalho através dele?
- 11) Você sabe digitalizar documentos? Para você essa habilidade é importante para o Arquivo?
- 12) Quais os meios de atendimento ao usuário que você utiliza? Na sua opinião, qual é o mais ágil e preciso?
- 13) Você sabe arquivar no PBDOC? Quais as dificuldades enfrentadas?

- 14) Você utiliza com frequência o SIS PROTO para recebimento, tramitação e localização de processos?
- 15) Você usa editores de texto, planilhas e apresentações? O que eles podem agregar para o Arquivo na sua opinião?

A visão do gestor arquivista sobre as competências profissionais e digitais da sua equipe

- 16) Você acha a sua equipe capacitada para a transformação digital?
- 17) Algum servidor já foi lotado neste Arquivo porque não tem competências digitais?
- 18) O que é necessário para adequar sua equipe às Tecnologias da Informação?
- 19) Na sua opinião, qual é o papel do arquivista nesse contexto digital?
- 20) Quais as estratégias futuras para implementar a fim de que as pessoas de habituem ainda mais com os meios digitais?

INSTITUIÇÃO 3

Perfil do entrevistado e mapeamento geral das habilidades digitais

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual a sua escolaridade/formação?
- 3) Qual o seu cargo?
- 4) Você sabe utilizar o computador? Quais as dificuldades que você enfrenta?
- 5) Você fez algum curso de informática? Ou pensa em fazer?
- 6) Você recebe/envia e-mails?
- 7) Você sabe imprimir um documento? Cite os desafios encontrados.
- 8) Você cria pasta de arquivos no desktop? Se sim, você sabe copiar/colar em pendrives ou CDs ou outras pastas desejadas?

Habilidades digitais associadas às funções exercidas no Arquivo

- 9) Na sua opinião, um colaborador que trabalhe em um Arquivo precisa utilizar computador/celular? Por quê?
- 10) Você sabe criar grupos e/ou se comunica com sua equipe de trabalho através dele?

- 11) Você sabe digitalizar documentos? Para você essa habilidade é importante para o Arquivo Técnico?
- 12) Quais os meios de atendimento ao usuário que você utiliza? Na sua opinião, qual é o mais ágil e preciso?
- 13) Você sabe criar um ofício no PBDOC? Além disso, você tramita, anexa, anota, despensa, junta, arquiva e/ou desarquiva no PBDOC? Quais dessas atividades você não sabe fazer?
- 14) Na sua opinião, o Arquivo Técnico precisaria utilizar mais sistemas? Se sim, voltados a quais atividades arquivísticas?
- 15) Você usa editores de texto, planilhas e apresentações? O que eles podem agregar para o Arquivo na sua opinião?